



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Da reconstrução dos valores às práticas de relações sexuais em locais públicos entre adolescentes
na cidade de Maputo

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau
de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Irene Solange Munguambe

Supervisor:

Dr. Neto Sequeira

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Da reconstrução dos valores às práticas de relações sexuais em locais públicos entre adolescentes
na cidade de Maputo

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Irene Solange Munguambe

Supervisor:

Dr. Neto Sequeira

O Júri

O supervisor

O presidente

O oponente

Maputo, aos _____ de _____ de 2018

Declaração de honra

Declaro ser a autora desta Monografia, que constitui um trabalho original e inédito, que nunca foi submetido (no seu todo ou qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Acrescento que tenho consciência de que o plágio é a utilização de elementos alheios sem referência ao seu autor e constitui uma grave falta de ética, que poderá resultar na anulação da presente Monografia.

(Irene Solange Munguambe)

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que fazem do conhecimento científico um meio de desenvolvimento pessoal, colectivo e social. A todos os meus docentes do curso, que foram importantes na minha vida académica, e principalmente dedico a minha mãe e ao meu pai.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, pela força que me deu para perseguir e realizar o sonho de me tornar licenciada, muito obrigada.

Agradeço ao meu supervisor, Dr. Neto Sequeira, pelo apoio que me concedeu durante a realização deste trabalho.

Por fim, os meus agradecimentos vão aos meus pais, irmãos e a todos que deram-me força directa ou indirectamente.

Muito Obrigada.

Resumo

O espaço público é caracterizado pela sua abertura e universalidade, podendo ser apropriado por diferentes categorias de pessoas para a realização de uma diversidade de actividades, das quais destacamos as relações sexuais, como foco deste trabalho. Temos como objectivo do trabalho compreender as motivações que concorrem para que os adolescentes se apropriem de locais públicos com a finalidade de realizar relações sexuais. Partimos de uma perspectiva que defende a mudança nos valores, como um fenómeno que está a ocorrer na adolescência no campo das relações de poder entre gerações quanto à vigilância da sexualidade dos adolescentes. A vigilância da sexualidade e a microfísica do poder de Michel Foucault constituem o nosso quadro teórico, a partir do qual compreendemos que a realização de relações sexuais nos locais públicos está inserida na orientação da sexualidade, o que, por sua vez, está inserida na expansão do poder exercido pelas instituições sociais sobre os adolescentes. A abordagem qualitativa permitiu captar, a partir da perspectiva dos adolescentes entrevistados, dados que mostram que, de um lado, a escola e a família são instituições que procuram vigiar a sexualidade dos adolescentes e, do outro lado, estes interpretam e reconstróem, no seu grupo de amigos, os valores interiorizados naquelas instituições sociais com base nos quais orientam a sua sexualidade. Concluimos que a apropriação dos locais públicos para a realização de relações sexuais está associada às proibições que os adolescentes encontram na família e à reclamação da sua autonomia na construção da sua sexualidade.

Palavras-chave: *valores; sexualidade; espaço público; relações sexuais.*

Abstract

The public space is characterized by its openness and universality, and may be used by different categories of people to carry out a variety of activities, including sexual relations, the focus of this work. We seek to understand the motivations that lead adolescents to use public spaces for sexual relations. This research is based on approach that defends change in values, as a phenomenon that is occurring in adolescence in the field of power relations between generations regarding adolescents' sexual surveillance. Both sexual surveillance and the microphysics of power conceived by Michel Foucault constitute our theoretical body, from which we understand that having sexual relations in public places is embedded in one's sexual orientation, which, in turn, is inserted in the expansion of power exerted by social institutions on adolescents. The qualitative approach used allowed to capture, from the perspective of the adolescents interviewed data showing that both the school and the family are institutions that seek to monitor adolescents' sexual life, on the one hand, and that adolescents interpret and reconstruct in their friendship groups the values learned in those social institutions, on the basis of which they define their sexuality, on the other hand. The study concludes stressing that the use of public spaces by adolescents for sexual relations is associated with a set of prohibitions imposed on them at the family level, as well as with the claim for autonomy in defining their sexual orientation.

Keywords: *values; sexuality; public space; sexual relations.*

Índice

| | |
|--|-----|
| Declaração de honra..... | i |
| Dedicatória..... | ii |
| Agradecimentos | iii |
| Resumo | iv |
| Abstract..... | v |
| Introdução | 1 |
| Capítulo I. Revisão da literatura | 5 |
| Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual..... | 14 |
| 2.1. Quadro teórico | 14 |
| 2.2. Definição e operacionalização dos conceitos | 16 |
| 2.2.1. Valores | 16 |
| 2.2.2. Sexualidade | 17 |
| 2.2.3. Espaço público | 19 |
| 2.3.4. Relação sexual | 20 |
| Capítulo III. Metodologia | 22 |
| 3.1. Método de abordagem..... | 22 |
| 3.2. Método de procedimento | 23 |
| 3.4. Técnicas de recolha de dados..... | 23 |
| 3.5. Universo e amostra do estudo | 25 |
| 3.6. Questões éticas..... | 26 |
| Capítulo IV. Apresentação da análise a interpretação dos dados | 28 |
| 4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados | 28 |
| 4.2. Locais e realização das relações sexuais entre adolescentes | 28 |
| 4.3. Orientação da sexualidade dos adolescentes pelas instituições sociais | 32 |

| | |
|--|----|
| 4.4. Orientação da sexualidade dos adolescentes no seio do grupo de amigos | 36 |
| 4.5. Uso dos espaços públicos para a realização das relações sexuais | 41 |
| Considerações finais | 47 |
| Referências bibliográficas..... | 50 |
| Anexos | 54 |

Introdução

A sexualidade é um tema de discussão científica que tem sido abordado do ponto de vista sociológico, incidindo-se as análises sobre a expansão do espaço privado, isto é, familiar, para o espaço público, como é o caso específico da escola, só para trazer um exemplo. Com este trabalho, investigamos a questão da sexualidade na adolescência, relacionando duas dimensões: as relações sexuais e os motivos que levam à realização dessas práticas em locais públicos.

Como postulados deste trabalho, consideramos, de um lado, que os adolescentes vêm adotando maneiras de ser e agir diferentes das que lhes são transmitidas em relação à orientação da sua sexualidade (Macedo, Miranda, Júnior, & Nóbrega, 2013; Ratial, 1999) e, do outro lado, que ocorre maior visibilidade e tomada de conhecimento de relações sexuais realizadas em espaços físicos entre adolescentes em Maputo. Desta forma, retratamos os motivos que levam os adolescentes a se apropriarem dos espaços públicos para praticar relações sexuais na cidade de Maputo, considerando apenas os casos que tenham ocorrido nos últimos três anos findos, isto é, de 2015 a 2017 (Dados), por tratar-se de um período em que observámos a mediatização de casos de adolescentes envolvidos em relações sexuais nos espaços públicos.¹

A problemática das relações sexuais nos espaços públicos está inserida num contexto em que ocorrem transformações nas maneiras de agir e ser dos adolescentes quanto à orientação, constituição e realização de práticas inerentes à sua sexualidade. Este é um fenómeno apontado tanto ao nível internacional (cf. Pontes, s.d; Macedo, Miranda, Júnior, & Nóbrega, 2013; Santos, Campos, & Santos, 2012) quanto africano (cf. Tavares, Kanikadan, Alencar, & Schor, 2011; Anjos, 2005; Bastos & Flora, 2015), bem como de Moçambique (cf. Nauere, 2004; Magaço, 2013; Ratial; 1999). Destaca-se tanto a reprodução de valores de gerações passadas de um lado e, do outro lado, a adopção de novos padrões de comportamentos partilhados nos grupos sociais de amigos. Este debate revela que a questão da sexualidade é também uma questão que tem merecido atenção no domínio público ao nível teórico (em termos de construção discursiva), bem como ao nível prático (atitudes e comportamentos inserido na sexualidade). Entretanto, o debate

¹ O jornal *online* FOLHA DE MAPUTO publicou (no dia 20 de Setembro de 2016) uma notícia sobre depoimentos de estudantes da escola Josina Machel, em Maputo, segundo os quais os armazéns, as salas de aulas e outros recintos da escola eram usados pelos alunos para a realização de relações sexuais. Ver: <http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/estudantes-da-josina-denunciam-pratica-de-sexo-em-grupo-em-plena-luz-do-dia/> consultado em 22 de Novembro de 2017.

levantado neste segundo nível é ainda embrionário, no sentido de estudar-se as práticas sexuais realizadas no domínio público.

Em Moçambique, especificamente em Maputo, o espaço público não só acolhe discussões sobre as práticas sexuais, como também acolhe as próprias práticas sexuais, o que releva que os actores se apropriam dele para levar a cabo esses actos. A literatura consultada (ver cap. I) ignora esse fenómeno como objecto de análise, quando a questão em estudo é a sexualidade. Com efeito, partindo do postulado segundo o qual as práticas sexuais têm o espaço privado como socialmente legitimado para a sua realização, entendemos ser relevante procurar compreender o porquê dos indivíduos, especialmente adolescentes, buscarem no espaço público, locais para a sua realização.

Sobre enfoque da problemática da teoria da Sexualidade de Foucault (1988), postulamos que a extensão dos mecanismos e técnicas de controlo da sexualidade nas sociedades contemporâneas suscita, em contrapartida, actos de subversão dos padrões comportamentais transmitidos. Deste modo, para sustentarmos este argumento, focamo-nos nos motivos que levam à apropriação do espaço público para a realização de práticas sexuais por partes dos adolescentes. Com efeito, colocamos esse problema nos seguintes termos: *o que motiva os adolescentes a se apropriarem dos locais públicos para a prática de relações sexuais?*

Como resposta provisória ao problema acima levantado, adoptamos a seguinte hipótese de trabalho: *os adolescentes se apropriam dos locais públicos para a prática de relações sexuais motivados pelas maneiras de ser e agir adoptadas e partilhadas entre si em oposição às maneiras de ser e agir transmitidas por gerações mais velhas.*

Temos como objectivo geral deste trabalho compreender os motivos que levam os adolescentes a se apropriarem de locais públicos para a prática de relações sexuais. Como objectivos específicos, buscamos identificar os locais públicos nos quais os adolescentes realizam práticas sexuais, descrever as maneiras de ser e agir transmitidas aos adolescentes pelas instituições sociais em torno da sua sexualidade, descrever as maneiras de ser e agir adoptadas e partilhadas no seio dos grupo de amigos dos adolescentes e identificar as maneiras de ser e agir adoptadas pelos adolescentes na apropriação de locais públicos para a prática de relações sexuais.

Consideramos relevante estudar a prática de relações sexuais nos espaços públicos, pois estamos todos, nas sociedades contemporâneas, envolvidos num ambiente social no qual a sexualidade, especialmente na dimensão das relações sexuais, é uma questão abertamente falada e publicada, estimulando uma vida orientada para a busca do prazer. Para Baudrillard (2001), encontramos-nos inseridos em sociedades em que o prazer se tornou o fim de todo o acto de consumo. No mesmo sentido, Bauman (2001) aponta para a tradução das relações sexuais de uma questão privada para uma questão pública como o catalisador da transformação das relações sexuais em assunto de debate público. Inserido nesse contexto social, o estudo das práticas sexuais emerge como um fenómeno relevante de ser construído, na qualidade de objecto de investigação, principalmente, quando se trata de uma modalidade de realização que, de certo modo, reflecte a subversão das modalidades até então vigentes e dominantes no meio social moçambicano.

Logo de início, decidimos enveredar pelo estudo da realização de práticas sexuais nos locais públicos. Justificamos e fundamentamos esta opção com base no vazio que observamos nos estudos científicos consultados sobre a questão da sexualidade tanto fora como dentro da produção científica em Moçambique (ver cap. I), pelo que permanece, ainda, uma realidade social ainda por explicar. Ademais, ao estudarmos a apropriação do espaço público para a realização das práticas sexuais, estamos a construir um espaço de debate em torno das modalidades de apropriação dos espaços, bem como das maneiras de ser e agir dos adolescentes. Estes aspectos nos permitem considerar relevante as contribuições que trazemos para a discussão científica que apresentamos na realização deste trabalho.

Sociologicamente, consideramos relevante estudar a apropriação de espaços públicos para a prática de relações sexuais por ser um fenómeno em torno do qual vêm alimentando-se preconceitos, no sentido de afirmar-se que se assiste um esvaziamento de valores no seio dos adolescentes. A partir do enfoque teórico foucaultiano, partimos desses discursos do senso comum para considerar que se vive a transformação de valores – o que é comum que ocorra em determinadas época da evolução das sociedades² – e não o seu esvaziamento. Este posicionamento nos permite destacar a importância da sociologia na construção de quadros

² Mannheim (...) afirma que, durante da transmissão de uma herança social e cultural de uma geração para outra, é normal que os valores sejam revistos, reinterpretados e reconstruídos, pois as novas gerações, não se limitam a reproduzir o que lhes é transmitido, mas acrescentam suas inovações, construindo seu próprio legado que será, posteriormente, transmitido para as gerações seguintes.

explicativos dos fenómenos sociais que, simultaneamente, partem e transcendem o conhecimento espontâneo, oferecendo explicações que reflectem o que efectivamente está a ocorrer.

Organizamos as componentes deste trabalho em seis partes, sendo que a primeira é esta introdução, em que trazemos a apresentação do tema, o problema de pesquisa, a hipótese, os objectivos e a justificativa. A segunda parte é a revisão da literatura, em que trazemos a discussão de alguns estudos realizados em torno do nosso objecto de estudo. A terceira parte é o enquadramento teórico e conceptual, no qual trazemos o quadro teórico e os conceitos básicos. A quarta parte é a metodologia, em que apresentamos os métodos e técnicas de estudo, a definição da amostra e as questões éticas. A quinta parte é a apresentação da análise e interpretação dos dados, em que aprofundamos os objectivos específicos com base na informação do campo. A sexta parte é das considerações finais, que contém as principais ideias as quais chegamos com a realização deste estudo.

Capítulo I. Revisão da literatura

A seguir, realizamos a revisão da literatura com base na qual construímos e sustentamos o nosso problema de pesquisa. Ter-nos-ia sido apropriado nos basear apenas em estudos realizados no contexto moçambicano, no entanto duas razões concorreram para que recorrêssemos a estudos desenvolvidos em outros contextos, como português, brasileiro, angolano, cabo verdiano.

Primeiro, enfrentámos alguma limitação em identificar estudos realizados em Moçambique em torno das práticas sexuais, especialmente em locais públicos, o que empobreceria a nossa exploração caso nos limitássemos a esta realidade nacional. Segundo, estando em sociedades cada vez mais globalizadas³, assumimos ser importante mostrar que o fenómeno que exploramos não se limita às fronteiras moçambicanas, sendo relevante estender a discussão que levantamos para além fronteiras. De uma forma geral, os estudos que apresentamos a seguir retratar a sexualidade na adolescência, destacando as dimensões das representações sociais, relações sexuais, transmissão de regras e valores, sendo que todos procuram mostrar que os adolescentes não são actores passivos que se limitam a reproduzir a estrutural social, mas demonstram capacidade interpretação.

Começamos por estudos realizados fora de África, trazendo os de Portugal e Brasil⁴. Do primeiro contexto, resgatamos o estudo de Pontes (s.d) em que discute a sexualidade sobre ponto de vista das representações sociais dos adolescentes e professores sobre a educação sexual escolar. Os resultados apresentados mostram que os adolescentes reconhecem a importância da educação escolar como meio de preparação para enfrentarem os riscos e não cometerem erros. Com efeito, consideram temas relevantes as mudanças da puberdade, os órgãos sexuais, a gravidez, as doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e a primeira relação sexual.

³ Giddens (1991) afirma que a globalização é processo que quebra as fronteiras dos territórios nacionais, fazendo com que os fenómenos (sociais) tenham efeitos em contextos distantes daqueles em que se encontram as causas que os originaram. Desta forma, poucos são os fenómenos peculiares a contextos particulares, o que torna relevante que a ciência também estenda seu alcance em termos de explicação e discussão. No mesmo sentido, Beck (2002) fala de sociedades cosmopolitas para mostrar que as práticas locais devem ser inseridas, quanto à sua explicação, em contextos mais amplos, isto é, globais.

⁴ Não tivemos nenhuma razão especial para trazer estudos destes dois contextos que não tenha sido o simples facto de termos os encontrado disponíveis na internet ao longo da nossa busca exploratória. Colocámos os temas do nosso interesse na internet, e foram aparecendo alguns trabalhos dentre os quais seleccionámos aqueles cujo conteúdo tinha uma ligação com o nosso objecto de estudo e relevância para este trabalho.

Quanto às fontes de informação sobre a sexualidade, os entrevistados destacam os membros mais velhos da famílias, livros, televisão e internet.

Quanto ao grupo dos professores, Pontes (s.d) aponta que estes consideram ser necessário abordar a temática da sexualidade na escola, tendo como temas a sexualidade harmonizada, sempre, com às questões referentes ao afecto e emoções. Não obstante esse posicionamento, os entrevistados reconhecem a dificuldade que sentem em abordar a questão sexual fora de uma disciplina específica virada à matéria com os adolescentes.

Desta forma, à escola é atribuído o papel de estruturar e orientar as maneira de ser e agir dos adolescentes em relação à orientação da sua sexualidade, embora, de certo modo, não seja o que ocorre na prática. As representações sociais são também analisadas em estudos realizados no contexto brasileiro, como é o caso do apresentado por Macedo, Miranda, Júnior e Nóbrega (2013), que analisam as representações sociais dos adolescentes sobre as suas próprias experiências, trazendo dados que mostram que, numa amostra de oito (8) inquiridos, todos reduzem a sexualidade à prática sexual entre duas pessoas de sexo oposto, isto é, um homem e uma mulher. Essa tendência pode ser explicada a partir do facto de o saber que possuem ser partilhado entre amigos, namorados, no seio da família e na escola. No entanto, a influência de pessoas fora da família se revelou bastante dominante no processo de adolecer em torno da sexualidade.

Neste estudo a escola é tida como um espaço privilegiado para o diálogo em torno da sexualidade, o que indica a menor participação da família na vida dos adolescentes. A este respeito, Macedo, Miranda, Júnior e Nóbrega (2013) afirmam que a escola acolhe práticas de educação escolar relacionadas com doenças de transmissão sexual, violência sexual e precoce, embora os adolescentes entrevistados apontem para a superficialidade na abordagem dessas temáticas, o que gera lacunas na construção do conhecimento em torno da sexualidade, como é o caso do desconhecimento em torno das diferenças entre homem e mulher.

O outro estudo foi realizado por Cono, Ferriani e Gomes (2000) em torno da sexualidade na adolescência, baseando-se num levantamento bibliográfico para analisar as influências culturais, sociais e religiosas nas trajectórias da sexualidade. Diferente do estudo anterior, os autores deste compreendem que apesar das mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas, é na família

onde os adolescentes vivenciam as suas principais experiências quanto à sexualidade em termos de valores, atitudes, crenças religiosas e culturais.

A dimensão que se destaca neste último estudo diz respeito, dentre outros aspectos, à iniciação precoce cujo principal factor influente apontado no contexto brasileiro são as pressões ou cobranças de grupos sociais dos quais fazem parte os adolescentes (Cono, Ferriani, & Gomes, 2000). Estes autores afirmam que se assiste a banalização da sexualidade, que se manifesta por meio do uso do corpo para a divulgação de diferentes produtos comerciais, o que ocorre num ambiente no qual os adolescentes e jovens começam a questionar os valores e crenças adultas em torno da sexualidade.

Brilhante e Catrib (2011) apresentam um estudo no qual partem da ideia segundo a qual a adolescência é caracterizada pelo aumento do impulso sexual, submetendo os adolescentes a novas experiências, tais como a busca pela satisfação sexual. De acordo com estas autoras, a satisfação sexual possui uma particularidade no ser humano, a de estar associada tanto à procriação quanto ao prazer. No entanto, a preocupação em torno desse fenómeno surge, geralmente, em contextos sociais nos quais os adolescentes e jovens gozam de liberdade e autonomia, o que os torna mais vulneráveis ao risco de saúde.

Essa vulnerabilidade pode ser gerida com base no desenvolvimento de uma capacidade de interpretação crítica de mensagens sociais. Ao contrário, a vulnerabilidade pode aumentar caso não ocorra um investimento na construção dessa capacidade de interpretação (Brilhante & Catrib, 2011). Estas autoras destacam o papel da variável género, que faz com que as mulheres estejam mais expostas ao risco de saúde pelo facto de serem cultural e socialmente responsabilizadas pela reprodução e pelos cuidados de saúde da família, papéis que são também reproduzidos no imaginário dos servidores de saúde.

Rodrigues (2010) discutiu a sexualidade na adolescência sobre o prisma das atitudes e conhecimento dos métodos contraceptivos num estudo quantitativo baseado numa amostra de 222 alunos do ensino médio, tendo observado que a prática sexual inicia, geralmente, aos 15 anos de idade. Essas práticas sexuais são acompanhadas pelo uso recorrente dos métodos contraceptivos independentemente de se tratar ou não da primeira vez.

Destaca-se, também neste estudo, a interferência da variável género no comportamento sexual, na medida em que as mulheres se mostram mais preocupadas em adoptar práticas de cuidado sexual, o que não significa que os homens não adoptam (Rodrigues, 2010). De acordo com esta autora, as adolescentes possuem comportamentos sexuais seguros em comparação aos homens, no entanto em ambas as categorias se observa que o conhecimento em torno dos métodos contraceptivos é fundamental para que os adolescentes enveredem por comportamentos sexuais seguros.

Trazemos outro estudo realizado no contexto brasileiro no qual Santos, Campos e Santos (2012) trazem uma reflexão da sexualidade, focando-se no desejo e no medo na adolescência no espaço escolar. Os dados deste trabalho destacam o facto dos 91 adolescentes entrevistados mostrarem, de uma forma geral, que possuem conhecimento em torno da sexualidade, tendo como principal fonte as conversas quotidianas que experimentam no seio dos grupos informais de amigos. Dessa amostra, 91% dos inquiridos afirmou que tinha uma vida sexual activa, apontando para os 12 anos como a idade de início da prática das relações sexuais.

Para os adolescentes que ainda não tinham iniciado a sua vida sexual, de acordo com Santos, Campos e Santos (2012), as preocupações que possuem com relação às doenças de transmissão sexual e o casamento, que não faz parte do seu projecto, são factores que influenciam para esse retardamento. Os dados mostram que o ser ou não sexualmente activo não constitui factor determinante para que se tenha interesse em obter informação sobre a sexualidade, visto que, as duas categorias de adolescentes possuem um certo estoque de informação.

O que mostram os estudos expostos é que existe um reconhecimento generalizado que a geração dos adolescentes está a viver mudanças no que diz respeito às maneiras de ser e agir que orientam a sua sexualidade, sendo que tendem a se distanciar da sua família para recorrer aos meios de comunicação e aos grupos de amigos como fonte de socialização. Ainda assim, não se deixa de apontar para o papel que as instituições sociais, exemplo da escola, podem desempenhar na orientação da sexualidade no seio dos adolescentes.

Ao nível do contexto africano, trazemos estudos realizados em Cabo Verde e Angola. No primeiro contexto começamos com o trabalho de Tavares, Kanikadan, Alencar e Schor (2011), que retratam o início da vida sexual de adolescentes. Os autores constataam que os meninos

iniciam mais cedo em relação às meninas, influenciados por factores como morar em casa alugada, não estar a namorar e menarca. No caso das mulheres, os factores influentes são não estar a namorar e a interacção entre pessoas de diferentes idades.

De acordo o estudo em citação, a iniciação sexual masculina faz parte de um ideal de construção de identidade de género masculino, estando integrada no processo do tornar-se homem. Desta forma, tanto o início quanto a realização das práticas sexuais são eventos associados e que ocorrem dentro de um quadro social no qual as meninas e meninos sofrem pressão de valores de género, definindo-se que o menino inicia cedo para tornar-se homem, e a menina inicia mais tarde para ser assumida e respeitada como mulher. Conclui-se assim, que as práticas sexuais protegidas ocorrem mais em entrevistados que iniciaram tardiamente a sua actividade sexual.

Sob ponto de vista dos dados do último estudo acima, os adolescentes de ambos os sexos reproduzem as formas de ser e agir das gerações precentes vigentes na sociedade, agindo de acordo com os valores, podemos dizer, tradicionais. Não é o que nos permite compreender outro estudo realizado no mesmo contexto nacional, isto é, cabo verdiano. Referimo-nos ao estudo de Anjos (2005) que analisa o percurso sexual de jovens mulheres na entrada para a prostituição, passando de “presas” dos homens para caçadoras destes. A principal constatação é que as mulheres manipulam o desejo masculino como meio de conseguir recursos económicos.

Este estudo reúne alguns apontamentos relevantes de serem analisados para os propósitos desta revisão da literatura, na medida em que aponta para uma categoria específica de mulher cuja sexualidade é construída de forma diferenciada em relação a outras categorias femininas e aos padrões comportamentais da sociedade patriarcal. Anjos (2005) afirma que o termo “pixinguinas” é usado, em Cabo Verde, para se referir às mulheres que mantêm relações sexuais com vários homens simultaneamente com forma de conseguir recursos para a satisfação das suas necessidades.

A produção social dessa categoria feminina ocorre em mulheres que subvertem a condição de mulher objecto, passando a ser elas mesmas as conquistadoras com base na exploração instrumental da sua sexualidade. Em compensação, essas raparigas são vítimas de estigmatização por serem interpretadas como desviantes do modelo considerado de sexualidade considerado

normal. Desta forma, o autor interpreta as “pixinguingas” como meninas que resistem e colocam em causa a masculinidade, invertendo o erótico tradicional.

De Angola, extraímos o estudo de Bastos e Flora (2015). De acordo com este estudo, as adolescentes têm origem num contexto familiar no qual estão expostas e, até certo ponto, interiorização os valores religiosos que estabelecem um limite mínimo de idade para o início da actividade sexual. Quando iniciam cedo essa actividade, as adolescentes se sujeitam a vivenciar um conflito interno e a experimentar sentimentos de arrependimento e culpa por terem ido contra esses valores que, para elas, são supremos.

O reconhecimento da supremacia dos valores religiosos, de um lado, e a adopção de práticas que violam esses mesmos valores, do outro lado, relevam uma certa reflexividade por parte das adolescentes ao longo das suas experiências quotidianas. Os valores transmitidos são teoricamente vistos como invioláveis, mas praticamente não aplicados nalgumas situações. Daí o início da actividade sexual prematuramente, mesmo que tal acto seja religiosamente condenado.

Apesar de se apontar para alguns casos de reprodução dos valores tradicionais e religiosos por parte dos adolescentes, destaca-se o facto desta categoria adoptar práticas que revelam a crescente e contínua reconstrução desses valores, ao ponto de se adoptar formas de ser e agir que as contrariam. Nesta ordem de ideias, é suposto falarmos da sexualidade na adolescência como um espaço de reprodução social de maneiras de ser e agir, significando que se está a assistir tanto a continuidade quanto a descontinuidade entre gerações.

No contexto moçambicano, destacamos também alguns estudos, começando pelo realizado por Nauere (2004) em torno do papel da socialização sexual dos jovens, tendo como caso do estudo o Programa Geração Biz na cidade de Maputo. O seu foco foi a participação da família neste programa dedicado aos jovens. Sobre uma perspectiva quantitativa, o estudo observa uma diversidade de experiências que permitem construir duas categorias. A primeira integra aqueles jovens que mesmo vivendo com seus progenitores, ou pelos menos um deles, nunca teve uma conversa com eles em torno da sua vida sexual, o que foi também confirmado pelos responsáveis do programa. A segunda categoria é daqueles jovens que afirmaram já ter tido pelos uma conversa com seus progenitores sobre a sua vida sexual.

O estudo mostra que os jovens que já conversaram com seus progenitores afirmaram que essa experiência ocorreu numa fase específica da vida, após a primeira menstruação por exemplo. Com efeito, Nauere (2004) afirma que os seus dados confirmam a ideia segundo a qual a socialização sexual dos jovens não ocorre de forma contínua, mas sim de forma contextual cuja finalidade é responder a desafios específicos que vão surgindo em fases específicas da vida.

Magaço (2013) analisou a sexualidade no espaço escolar sob ponto de vista das relações sexuais e afectivas das raparigas no contexto moçambicano, tendo constatado a existência de valores que orientam a escolha do parceiro, como a confiança e o conhecimento que se tem sobre este. É no seio da escola, onde as adolescentes são conquistadas para a realização de práticas sexuais pelos seus parceiros que podem ou não ser mesma escola.

Neste contexto da busca de parceiros, as adolescentes constroem e definem categorias do sexo oposto com as quais desejam ou não se envolver. Magaço (2013) destaca as categorias de criança e de vivido. A primeira é usada para se referir aqueles homens que não possuem larga experiência e são menos activos afectiva e sexualmente, ao passo que a segunda remete à situação contrária, ou seja, integra homens com mais experiência e mais criativos. Esta última é a categoria de preferência das mulheres.

Ratial (1999) se interessou pela compreensão dos valores, moralidade e comportamento sexual dos adolescentes. Este estudo, com uma abordagem quantitativa, incidiu sobre uma amostra 79 adolescentes. Observou-se, como uma das principais constatações, que os adolescentes apresentam uma moral sexual conservadora, assim como mostram uma crescente desvalorização da família como fonte da sua educação sexual, pelo que a informação sexual é obtida, de um modo geral, junto de amigos e colegas. Dentro da amostra usada, somente 24% é que recorre à família. Consequentemente, os ritos e cursos de iniciação sexual, ao nível da comunidade, estão a perder os seus efeitos no seio da categoria social de adolescente.

Esse estudo foi realizado num contexto urbano, o que torna imprescindível que os dados apresentados tenham de ser interpretados e compreendidos dentro das dinâmicas sociais do ambiente social urbano, pois é possível que o ritmo de abandono dos ritos e cursos de iniciação seja diferente no ambiente social rural. Na sua reflexão, Ratial (1999) afirma ainda que os adolescentes do sexo masculino são mais liberais em relação às do sexo feminino, que se

mostram mais conservadoras. Por fim, ocorre um desencontro entre a moral, que é conservadora, e a prática sexual, que é iniciada muitos antes do casamento, geralmente, entre os 9 aos 18 anos de idade.

Ao relacionar a masculinidade, sexualidade e o HIV/SIDA em Moçambique, Macia e Langa (2014) conjecturam que tanto o homem quanto a mulher participam activamente da construção de modelo sociocultural patriarcal dentro do qual ambas as categorias experimentam desvantagens. Afirma-se, neste estudo, que enquanto os homens constroem a imagem de um homem autónomo, com poder sexual e criação, poder de decisão, de conquista, constituição e provisão familiar e com reconhecimento pelos pares, as mulheres constroem uma imagem de homem com responsabilidade, autoridade e respeito pela mulher.

Observamos que, apesar de certas peculiaridades, as mulheres e homens inquitidos partilham uma mesma ideia de homem. O mesmo ocorre quanto à questão da iniciação sexual, apontando-se que o homem é que deve começar primeiro e demonstrar capacidade de antecipar os desejos de uma mulher (Macia & Langa, 2014). Sob este prisma, o homem é activo e a mulher passiva. Ao primeiro, cabe a responsabilidade de conquistar a segunda, de quem se espera a plena satisfação do homem.

As representações em torno de aspectos inerentes à sexualidade foram objecto de estudo numa pesquisa realizada por Silva, Andrade, Osório e Arthur (2007) sobre ponto de vista da feminização do HIV/SIDA em Moçambique. De acordo com esses autores, os adolescentes situam a iniciação da actividade sexual nos 10 anos de idade, destacando-se, como factores influentes, a construção dessa percepção, a convivência no bairro, a influência de amigos, da rádio, da televisão e dos ritos de iniciação. Estes espaços actuam como factores (com a excepção das percepções) de socialização sexual dos adolescentes, orientando-os na constituição a sua sexualidade, especialmente no contexto urbano.

Neste sentido, Silva, Andrade, Osório e Arthur (2007) destacam o papel do grupo de amigos e da pressão vinda destes para que os adolescentes se envolvam em práticas sexuais de risco, tais como iniciação prematura, o não uso de contraceptivos e de meios de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Podemos destacar ainda, na perspectiva dos autores, a contribuição

das transformações sociais nas sociedades modernas, tais como a falta de perspectivas para o futuro, dificuldades de acesso à escola e a um emprego.

Ao nível de Moçambique, o debate em torno da sexualidade segue diferentes sentidos. De um lado, aponta-se para a existência de adolescentes que, com suas particularidades, reproduzem o modelo patriarcal, no qual o homem constitui figura dominante e, do outro lado, existem outros adolescentes que se distanciam da instituição familiar para se associar a valores partilhados nos grupos de pertença, especialmente na escola. Este espaço é interpretado como acolhendo experiências sexuais dos adolescentes no Moçambique contemporâneo. No ambiente escolar, os grupos de amigos são destacados, na qualidade de factor que contribui para as modalidades de experimentar o processo de adolecer, especificamente na dimensão da sexualidade.

Nenhum processo de mudança pode ser interpretado e caracterizado por rupturas radicais, pelo que é compreensível que num mesmo contexto contemporâneo, encontremos, no seio dos adolescentes, alguns mais conservadores, reproduzindo valores do universo social dos adultos, e outros mais radicais e inovadores que adoptam e partilham seus próprios valores. Este último grupo tende a predominar, o que constitui base para que assumamos a ideia segundo a qual o questionamento dos valores tradicionais caracteriza as experiências dos adolescentes.

Desta forma, vemos que, nesta revisão da literatura, ao nível internacional, bem como nacional (moçambicano) existe uma ideia geral e partilhada entre os autores dos estudos que apresentamos segundo a qual se atravessa um estágio de mudanças sociais, no qual se assiste a transformação de valores entre e nas gerações, especialmente dos adolescentes em torno da orientação da sexualidade na dimensão das relações sexuais quanto às representações sociais, riscos envolvidos, estratégias de gestão do risco e idade de início com a actividade sexual.

O que os estudos expostos trazem na abordagem é o facto de as relações entre adolescentes estarem a ser realizadas em espaços para além do domínio privado, antes reservado e legítimo para a actividade sexual. É relevante problematizar a mudança de valores do ponto de vista da apropriação de espaços públicos para a realização de relações sexuais e vice-versa, isto é, interpretar as relações sexuais em locais públicos do prisma das transformações dos valores na adolescência, sendo este (mudança nos valores) um fenómeno que os estudos expostos mostram que esta a ocorrer.

Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual

2.1. Quadro teórico

A sexualidade é um assunto sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, o que torna imprescindível a adopção de uma teoria que versa sobre essa questão. Identificamos a teoria da Sexualidade de Foucault (1988). A seguir, apresentamos e operacionalizamos os princípios e conceitos constituintes fundamentais desta teoria.

A teoria da sexualidade desse autor está relacionada com a sua teoria de poder, na medida em que explica a expansão da vigilância da sexualidade como a extensão dos mecanismos e técnicas de poder nos diferentes domínios da sociedade. Neste sentido, precisamos, antes, de tecer breves considerações sobre a sua teoria de poder. De acordo com Foucault (s.d), diferente do que postulavam as perspectivas teóricas clássicas, principalmente as economicistas, o poder não é um bem ou uma propriedade que uma pessoa ou um grupo de pessoas possui e com base no qual se impõe aos outros.

Na perspectiva do autor, o poder só pode ser apreendido, enquanto estiver a ser exercido ao longo das relações sociais concretas entre os indivíduos e entre estes e as instituições sociais. Nestas relações, a análise focaliza a atenção nos mecanismos, técnicas, instrumentos e estratégias por meio dos quais o poder se manifesta, pois são esses meios que tornam o poder possível, na medida em que o materializam e provocam seus efeitos sobre a vida dos indivíduos. Isto não significa que as instituições se imponham de forma opressora sobre os indivíduos, uma vez que, o poder deve ser visto como um fenómeno circular e omnipresente, estando presente em todas as relações sociais e sendo exercido de forma circular e não unilateral.

Nesta ordem de ideias, o autor chega a duas constatações relevantes. Primeiro, os indivíduos não são nem a fonte, nem a residência do poder, pelo contrário, eles são, simultaneamente, o seu meio de transmissão e o seu efeito. Segundo, do mesmo modo que as instituições exercem poder sobre os indivíduos, estes também, sendo o centro de transmissão do poder, podem exercê-los contra essas mesmas instituições, reconstruindo ou subvertendo os conteúdos que lhe são impostos.

A partir dessas observações em torno do poder, Foucault (1988) vai assumir que a sexualidade é construída nessa trama social de exercício do poder na relação entre os indivíduos e as instituições sociais. Porém, com uma particularidade, a de tomar o corpo dos indivíduos como o objecto de poder sobre o qual se faz sentir o seu efeito. Assim, a sexualidade, enquanto objecto de poder, é tratada sobre a lógica de vigilância. Isto é, as instituições sociais procuram vigiar o exercício da sexualidade dos indivíduos.

A vigilância pressupõe que a sociedade dispõe de um conjunto de estratégias, técnicas e mecanismos combinados e harmonizados por meio dos quais vigia o uso do corpo, transmitindo as maneiras de ser e agir que devem ser interiorizadas e materializadas pelos indivíduos. Esse é, na perspectiva do autor, o papel que deve ser desempenhado por instituições como famílias, escola, entre outras. Mas devemos interpretar esse sentido como apenas uma das dimensões da realidade social do exercício da sexualidade. O outro lado é a possibilidade dos indivíduos reivindicarem a autonomia no uso do seu próprio corpo contra o poder das instituições.

Nessa trama e rede de uso do corpo no jogo de exercício de poder e contra-poder, a sexualidade é continuamente construída e reconstruída como objecto de uso e fonte de prazer. De um lado, procura-se impedir ou limitar a busca do prazer por via do corpo e, do outro, o corpo é transformado num objecto fonte de prazer. Trata-se aqui, de acordo com Foucault (1988), de uma relação de poder em que ambas as partes envolvidas, instituições e indivíduos, podem, de acordo com os seus recursos, perseguir e realizar os seus interesses.

Encontramos assim princípios teóricos que nos permitem construir e propor um quadro interpretativo para a compreensão das práticas sexuais em locais públicos. Decerto, o espaço público possui suas próprias regras a partir das quais normaliza tanto as modalidades do uso dos locais públicos quanto o exercício da sexualidade nesses espaços, estabelecendo assim, limites e distinção entre o que lhe é peculiar diferente do que lhe é estranho e pode ser inerente ao espaço privado. Entretanto, a partir do exposto, devemos considerar que os indivíduos possuem a capacidade de agir em oposição ao quadro normativo imposto no espaço público, adoptando práticas de subversão.

Propomo-nos a interpretar a apropriação dos locais públicos para a prática de relações sociais como um evento que ocorre nesse encontro dialéctico entre os adolescentes e as instituições

sociais que procuram vigiar a sua sexualidade. Esta opção se alicerça na relevância que atribuímos à necessidade de interpretar a realização de relações sexuais em locais públicos dentro da questão da sexualidade, o que, por sua vez, carece de ser inserido nas dinâmicas do poder dentro da sociedade.

Chegamos assim, ao cerne da nossa opção teórica quanto à sua utilidade para o nosso estudo, na questão do poder. Esta teoria de poder permite inserir o nosso objecto de estudo no contexto no qual as experiências dos adolescentes são analisadas no âmbito da sua relação com os mais velhos, o que faz com que sejam relações inter-geracionais⁵, pelo que são relações de poder entre gerações⁶. Neste sentido, podemos compreender as relações sexuais a partir das vivências dos adolescentes, transcendendo-as, ao mesmo tempo, para uma dimensão mais abrangente em que seja possível trazer outros actores que participam e contribuem para a ocorrência do fenómeno que analisamos. É possível retratar a relação entre os adolescentes e outros actores, como família e escola, visto que, o poder só existe no seio das relações sociais.

2.2. Definição e operacionalização dos conceitos

Definimos e operacionalizamos quatro conceitos que se mostram relevantes para a delimitação, apreensão e interpretação da realidade sobre a qual incidimos. São os seguintes conceitos: valores, sexualidade, espaço público e relações sexuais.

2.2.1. Valores

Os valores são uma das dimensões da sexualidade que interessam neste trabalho. De acordo com Rokeach (1973), valores podem ser definidos como crenças duradoiras que os indivíduos possuem que se apresentam em forma de modelo de orientação da sua conduta ou

⁵ Massi, Santos, Berberian e Ziesemer (2016) afirmam a necessidade de estudar as experiências dos adolescentes no seio das relações que estabelecem com as gerações mais velhas, visto que, estas interferem de alguma forma na constituição e vivências das suas experiências.

⁶ Ruschel e Castro (19989) afirmam que as relações intergeracionais devem ser analisadas enquanto relações de poder das quais os actores sociais participam como actores sociais.

comportamento, sendo pessoal ou socialmente adoptados. Para esse autor, o comportamento que adoptamos é o meio e efeito da prática de determinados valores.

Poderíamos nos limitar a essa definição se nos fosse difícil identificar outras ainda mais abrangentes e detalhadas. Queremos dizer com isto que não negamos a sua validade, porém carece de mais detalhes para que não valorizemos uma visão mais filosófica que sociológica. Na sociologia, a definição de valor é mais específica, como podemos ver a seguir.

Numa perspectiva sociológica, Rocher (1989, p. 68) define valor como “uma maneira de ser ou de agir que uma pessoa ou uma colectividade reconhecem como ideal e que faz com que os seres ou as condutas aos quais é atribuído sejam desejáveis ou estimáveis”. Este autor afirma que os valores inspiram tanto os juízos que os indivíduos fazem da realidade, bem como as condutas que eles adoptam quotidianamente.

Desta forma, diferente de Rokeach (1973), que destaca o comportamento como principal consequência do valor, Rocher (1989) aponta também para os juízos, o que, decerto modo, está por detrás dos comportamentos adoptados pelos indivíduos. A perspectiva deste último autor nos parece apropriada, pelo que, consideramos valores como maneiras de agir e ser ideais que informam tanto os juízos de valor, como os comportamentos dos indivíduos.

Na definição que adoptamos para este trabalho, podemos identificar algumas dimensões com os seus respectivos indicadores. A primeira dimensão é a do agir na qual podemos definir, como indicadores, recorrer a locais públicos, atitudes em torno da sexualidade; a segunda dimensão é das ideias em que definimos, como indicadores, opiniões sobre o melhor lugar para a realização da troca de carícias, troca de beijos, percepção sobre a melhor idade para iniciar a actividade sexual, percepção sobre as proibições e permissões emitidas pelas instituições sociais.

2.2.2. Sexualidade

Trazemos duas perspectivas a partir das quais definimos o conceito de sexualidade. A primeira, mais psicanalítica, é apresentada por Bearzoti (1993), que, a partir da leitura de Freud, define esse conceito como uma “energia vital instintiva direccionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afectividade, às relações sociais,

às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação”.

Essa definição envolve uma série de dimensões e componentes, revelando o que de facto a sexualidade é, um fenómeno complexo. No entanto, centra-se, por demasiado, na busca do prazer, que é apenas uma dimensão da sexualidade. Podemos retirar dessa concepção algumas propriedades, mas precisamos de trazer outros aspectos que podemos encontrar na definição seguinte.

De acordo com Organização Mundial da Saúde ([OMS] *apud* Ponte, s.d) a “A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”.

Pontes (s.d) afirma que essa definição é uma das mais divulgadas, não obstante as suas fragilidades. Consideramos que essas fragilidades possam ser supridas se considerarmos também válidas as observações da primeira definição que trouxemos. Este autor afirma ainda que a OMS aponta que a sexualidade se expressa por meio de pensamentos, prazer, intimidade, atitudes, valores, práticas, papéis e relações, embora essas dimensões não se expressem simultaneamente.

Agora podemos reforçar a ideia segundo a qual o prazer é apenas uma dimensão da sexualidade, assim como as relações sexuais o são. Contudo, não escolhemos entre uma e outra definição. Ambas reúnem os aspectos que consideramos relevantes, pelo que, neste trabalho, baseamo-nos nas duas para definirmos a sexualidade como uma energia que orienta os indivíduos a procurar relações de amor, prazer, intimidade e proximidade, partilhando sentimentos emoções e se expressando de diversas formas, tais como por meio das relações sexuais, demonstração de afecto, desempenho de papéis, materialização de valores, entre outras.

2.2.3. Espaço público

O conceito de espaço público assume dois sentidos, um mais restrito, e outro mais lato. Embora pretendamos aplicá-lo neste último sentido, consideramos importante trazer algumas definições referentes ao primeiro.

No sentido restrito, espaço público está relacionado com a actividade política. Este significado está patente nas palavras de Arendt (*apud* Serpa, 2004) para quem espaço público é um lugar onde os indivíduos realizam as suas acções (especialmente políticas), expressam a sua subjectivação não identitária, discutem assuntos comuns, respeitam as diferenças e ouvem-se uns aos outros, pelo que se constrói diferente e separado do domínio familiar. Sentido similar se encontra em Habermas (*apud* Serpa, 2004) para quem o conceito se refere a um lugar do agir comunicacional, de discussão entre sujeitos, do uso da argumentação de forma democrática.

Tanto em um, como noutro autor dos dois acima citados espaço público é um conceito que se aplica no domínio particular, o político, e só existe, na medida em que envolve o relacionamento entre os indivíduos e implica a discussão entre eles. Esse espaço pode ser físico ou mesmo virtual/mediatizados, quando se usam os meios tecnológicos, como a internet, televisão, rádio. Não é neste sentido que aplicamos o conceito, pois não nos interessam as questões políticas de um lado, e procuramos explorar a dimensões física e de co-presença entre os indivíduos do outro lado. Vejamos a seguir o sentido lato do conceito de espaço público.

Indovina (2002), distanciando-se do sentido restrito do conceito de espaço público, começa por afirmar que se trata de dar ênfase ao uso público de um determinado espaço. A partir da noção de uso, podemos observar que a questão de acesso é central, pelo que será público, todo aquele lugar de acesso universal, mesmo que, juridicamente, seja propriedade privada. O espaço público é, de acordo com o autor, de acesso ilimitado, gratuito, sem interdições impostas a categorias sociais de indivíduos específicas. Em sentido contrário, espaço privado seria todo o lugar de acesso restrito, com condicionamentos e de acesso pago.

Esse é o mesmo entendimento de Matos (2010), quando afirma que o espaço público é de natureza mais aberta, com facilidade de acesso, pelo que é de todos, de ninguém em particular, sendo que, a princípio, todos têm direito de fazer o seu uso. A sua visibilidade desempenha um papel importante na definição do espaço público, pois todos podem ter acesso não só físico, mas

principalmente visual. De acordo com o autor, o uso do espaço público implica tanto o uso em função do género, idade, habilitações, classe social, estilo de vida, como em função de aspectos simbólicos como motivações, aspirações e valores dos indivíduos.

Essas propriedades do espaço público permitem identificar jardins, ruas, praças, praças, campos de jogos, locais de lazer, como sendo espaço público cujo uso pode ser feito em função das motivações, valores e aspirações. Daí a importância de estudar, por exemplo, os valores que orientam os indivíduos na apropriação desses espaços para a realização de determinadas práticas. Entretanto, essa abertura do espaço público não pode, de forma alguma, levar à inferência prematura de que os indivíduos podem realizar qualquer prática nesses espaços, pois ainda prevalece a distinção entre aspectos peculiares do domínio privado e do domínio público.

Neste trabalho, aplicamos o conceito de espaço público no seu alcance geral, no sentido de remeter aos lugares físicos de acesso universal e livre, sem condicionamentos em função das características dos indivíduos. Assim, consideramos que os adolescentes realizam práticas sexuais em lugares públicos quando o fazem nas ruas, nos jardins, nas praças, na praia, nos campos de jogo, na escola, etc.

2.3.4. Relação sexual

O conceito de relações sexuais tem sido usado indiscriminadamente como sinónimo de sexualidade ou sexo, no entanto a partir da discussão que trouxemos acima do conceito de sexualidade, é possível observar as suas particularidades distintivas.

De acordo com Vieira, Nóbrega, Arruda e Velga (2016), relação sexual se refere a toda a actividade que envolve, pelo menos, duas pessoas que estabelecem um contacto de intimidade, realizando práticas sexuais. Estas práticas podem assumir, na perspectiva dos autores, diferentes significados, podendo assumir o sentido de procriação ou, ainda, fonte de prazer erótico por parte dos indivíduos envolvidos.

Não é apropriado reduzir a prática sexual à penetração, ao atingir orgasmos ou mesmo a finalidades de procriação (Giami, 2008 *apud* Vieira, Nóbrega, Arruda e Velga, 2016). A relação sexual pode ou não implicar penetração, levar os indivíduos a atingir orgasmo ou resultar em

uma gravidez. Ela pode limitar-se a simples troca de carícias, estando em causa, aqui, a obtenção do prazer erótico. É este o entendimento de Silva (2006 *apud* Vieira, Nóbrega, Arruda e Velga (2016), quando afirma que na relação sexual estão envolvidas questões tanto biológicas quanto psicológicas e emocionais, bem como sociais e culturais.

Esta concepção de relação sexual reconhece a sua complexidade, o que a torna adequada para este trabalho, visto que, não pretendemos, de forma alguma, reduzir as práticas sexuais entre os adolescentes à penetração ou ao orgasmo e, muito menos, à procriação. A perspectiva que adoptamos tem como base o erotismo, pelo que concebemos relação sexual como toda a actividade que envolve a troca de carícias, podendo ou não haver penetração ou orgasmo, entre pessoas de sexo oposto⁷ que buscam o prazer erótico.

⁷Por questões de operacionalização deste estudo, excluimos as relações sexuais homossexuais, ou seja, que ocorre entre dois homens ou duas mulheres.

Capítulo III. Metodologia

Nesta parte do trabalho apresentamos os meios de trabalho científico aos quais recorreremos para a materialização empírica do presente trabalho, a destacar os métodos de estudo, as técnicas de recolha de dados e construção da amostra, os constrangimentos enfrentados e as questões éticas observadas.

Inicialmente, interessa-nos afirmar que adoptámos uma abordagem qualitativa para a realização deste estudo, tendo consistido, de uma forma geral e operacional, na construção do nosso objecto de estudo a partir de aspectos recolhidos da própria realidade dos adolescentes. Assim, reconstruir as relações entre os adolescentes nos espaços públicos, destacando a sua próprias perspectivas interpretativas. O conceito de relações sexuais foi sendo operacionalizado ao longo da materialização do estudo à medida que identificávamos novos elementos, tais como beijos, danças eróticas que caracterizam as relações entre os adolescentes. Foi a abordagem qualitativa que abriu espaço para a redefinição do nosso enquadramento teórico, o que consistiu na opção pela teoria a Sexualidade de Foucault (1988) no lugar da teoria de Desvio de Becker (1928), inicialmente adoptada. As características dos dados que foram sendo recolhidos concorreram para estava mudança, na medida em que indicavam mais uma transformação nos valores que um desvio de comportamento.

3.1. Método de abordagem

O método de abordagem que adoptámos para a realização do presente trabalho foi o dialéctico. Marconi e Lakatos (2003) afirmam que este método consiste em abordar os fenómenos sociais considerando-o a partir de quatro princípios fundamentais. Primeiro, todos estão em constante transformação; segundo, todos eles relacionam-se entre si; terceiro, todos possuem o seu antagónico; por último, todos realizam mudanças qualitativas de estado.

Recorreremos ao método dialéctico de modo a abordar as práticas sexuais em locais públicos a partir desses quatro princípios, considerando as experiências dos adolescentes como estando em processo contínuo e constante de transformação, o que implica sofrer mudanças qualitativas, relacionar-se com os outros fenómenos cuja interpretação é importante para uma melhor

compreensão do nosso objecto de estudo e possuir o seu antagónico. Ao longo da recolha, análise e interpretação dos dados, procuramos captar a mudança nos valores praticados pelos adolescentes entrevistados, a sua relação com as instituições sociais, com mais velhos e com outros amigos, na qualidade de seus antagónicos, e o seu relacionamento com outros fenómenos, tais como a vigilância da sua sexualidade, a sua participação em programas escolares.

3.2. Método de procedimento

Escolhemos o método compreensivo como sendo o de procedimento, que consiste, de acordo com Gil (2008), em buscar interpretar os significados que os actores sociais atribuem às suas acções. Essa interpretação é feita dentro do contexto em que os significados são atribuídos, valorizando, em grande medida, o contexto de produção dos dados e explorando a sua variação contextual, pelo que se assume que está ligado à abordagem qualitativa. Viemos afirmando, ao longo deste trabalho, o nosso interesse em incidir sobre a subjectividade dos adolescentes, inserindo-a no contexto social dentro do qual ela é construída e exteriorizada na orientação da sua sexualidade, especificamente na prática das relações sexuais em locais públicos.

O método compreensivo nos permite analisar os diferentes contextos sociais e institucionais nos quais os adolescentes constroem e reconstróem a sua sexualidade, como é caso da família e dos grupos de amigos. Desta forma, cada aspecto interiorizado em cada um desses contextos é interpretado dentro dos mesmos. Ademais, este método complementa a abordagem dialéctica, que define a necessidade de considerar cada fenómeno dentro das relações de reciprocidade que estabelece com outros fenómenos na realidade social da sua ocorrência.

3.4. Técnicas de recolha de dados

A realização de práticas sexuais é um fenómeno reprimido nos espaços públicos, o que impediu que recorrêssemos a outras técnicas de recolha de dados para a obtenção de outras informações que não pudessem ser facultadas directamente pelos adolescentes com os quais trabalhámos, tais como o seu comportamento no momento da apropriação de locais públicas para a prática de

relações sexuais, características do contexto em que estiveram inseridos as quais não puderam tomar atenção, pelo que não puderam memorizar. Com efeito, adoptámos como a entrevista dirigida, que está directamente vinculada à abordagem qualitativa.

Richardson (2003) concebe a entrevista como uma técnica que consiste numa conversa aberta entre o entrevistador e o entrevistado, na qual que o primeiro orienta o segundo a responder questões e a tecer comentários em torno de alguns tópicos que lhe vão sendo apresentados. A entrevista dirigida visa assegurar a liberdade discursiva dos entrevistados, conduzindo-os a responder as perguntas com profundidade, pelo que permite a intervenção pontual do entrevistador com novas questões. Escolhemos a entrevista por ser uma técnica essencialmente qualitativa. Dentre as existentes, optámos pela dirigida por permitir que combinássemos a liberdade de articulação dos entrevistados com o nível de profundidade que pretendíamos atingir. Esta técnica permitiu obter dos entrevistados o maior número de informação possível ao abrir espaço para novas questões que fomos colocando.

Realizámos as entrevistas durante duas semanas, de 20 de Dezembro de 2017 a 3 de Janeiro de 2018, na cidade de Maputo, especificamente nos bairros do Jardim, Polana Caniço e Maxaquene. Não definimos estes bairros antes de irmos ao campo, pelo contrário, foi no campo e em função das condições que encontrámos que nos limitámos a trabalhar nesses bairros. Delimitámos a cidade de Maputo como nosso campo de estudo, considerando o facto de os casos mediatizados terem ocorrido nesta parcela do país, porém, por termos trabalhado com uma amostra por bola de neve, tivemos de nos direccionar ao encontro do adolescentes identificados independentemente da localização das suas residências, o que condicionou para que fôssemos aos bairros antes indigitados.

As entrevistas tiveram uma duração média de 40 a 1 hora de tempo cada e foram administradas em locais indicados pelos próprios adolescentes nos seus bairros. Acreditamos terem sido locais nos quais os entrevistados sentiam-se a vontade para falar sobre o assunto, uma vez que, trata-se de uma questão que toca com a sua intimidade, pelo que foi importante assegurar que as conversas fossem realizadas em um lugar onde ficássemos isolados sem a presença de outra pessoa. Com a anuência dos entrevistados, recorremos ao telemóvel para registar as entrevistas e, só depois, transcrevemos para o computador, tudo em alto sigilo para garantir que a informação não fosse de acesso de terceiros.

3.5. Universo e amostra do estudo

O universo deste estudo é constituído por adolescentes de ambos sexos que reconhecem se terem envolvido em relações sexuais, pelo menos uma vez na sua adolescência, em espaços públicos em que essas práticas são proibidas. Considerámos adolescentes todos aqueles indivíduos que tenham idades dentro de um intervalo cujas idades mínimas são iguais ou superiores a 10 anos, e as idades máximas são iguais ou inferiores a 19 anos. Definimos este intervalo numa perspectiva cronológica, tendo como referência a definição mundial segundo a qual a adolescência compreende indivíduos da faixa etária dos 10 aos 19 anos (United Nations Population Fund, 2007 *apud* Cau e Arnaldo, 2014, p. 29)

Para a identificação e selecção dos adolescentes entrevistados, adoptámos o critério bola de neve, uma vez que, tínhamos conhecimento de pelos dois casos de adolescentes que já tinham realizado relações sexuais em locais públicos. Esta, de acordo com Baldin e Munhoz (2011), consiste em construir uma amostra, partindo de um ou poucos casos conhecidos e, a partir desses e por sua indicação, chegar a outros casos antes desconhecidos. O autor afirma ser um procedimento aconselhável para aplicar em situações nas quais o fenómeno em estudo é “subterrâneo”, pelo que não é abertamente realizado, o que torna difícil encontrar os seus praticantes. Por serem as relações sexuais realizadas em locais públicos, práticas difíceis de serem observadas e identificadas – o que faz com que consideremos subterrâneas – foi importante recorrer a uma amostragem que permitisse encontrar os adolescentes elegíveis à amostra deste estudo.

Neste sentido, a bola de neve facilitou o nosso trabalho, pois tínhamos conhecimento de pelos dois casos de adolescentes que já tinham vivenciado as experiências em referência. Tínhamos conhecimento das experiências destes adolescentes por serem pessoas com as quais nos relacionávamos há pelos cinco anos, pelo que ficámos a saber, ao longo desse tempo de relacionamento, que já tinham praticado relações sexuais em locais públicos.

A partir desses dois casos conhecidos, chegamos a outros adolescentes que criaram condições para que localizássemos e entrássemos em contacto com outros até chegarmos ao número de seis entrevistados que constitui o tamanho da nossa amostra. Não entrevistamos os dois primeiros adolescentes que conhecíamos, considerando o facto de termos conhecimento, embora

superficial, das suas experiências sexuais, o que poderia ter influenciado no momento da produção dos dados. O critério bola de neve condicionou para que trabalhássemos apenas com seis adolescentes, pois atingimos um nível no qual nenhum dos adolescentes entrevistados tinha conhecimento de outros que já tinham vivenciado experiências semelhantes.

Neste sentido, não podemos assumir que a saturação foi critério aplicado para a definição do tamanho da amostra, pois acreditamos que, dentro das possibilidades de identificar mais adolescentes do nosso universo de pesquisa, teria sido possível encontrar mais informação, diferente da que analisamos neste trabalho. No entanto, sendo a bola de neve uma amostragem que depende dos casos identificados para chegar a outros, fomos condicionados pela limitada rede de relacionamentos dos adolescentes que entrevistamos.

3.6. Questões éticas

As questões éticas são princípios a serem observados na investigação científica, especificamente nas ciências sociais, principalmente quando se trata de um tema ligado, até certo ponto, à intimidade dos indivíduos e quando os sujeitos envolvidos são adolescentes, considerados uma categoria sobre a qual os mais velhos procuram exercer poder (Kipper, 2016). Para salvaguardar a integridade dos adolescentes com os quais trabalhamos, considerámos relevante observar os seguintes princípios éticos: *consentimento informado (evidência), anonimato, confidencialidade e o direito a intimidade e a privacidade.*

O consentimento informado foi um princípio cuja observação consistiu na transmissão de todas as informações relevantes sobre o estudo aos entrevistados, tais como o tema em estudo, os objectivos da pesquisa, a finalidade da pesquisa, os direitos que eles tinham de aceitar ou rejeitar participar da pesquisa, a liberdade que tinham de abandonar a entrevista quando entendessem ser conveniente, a liberdade que tinham de não responder algumas questões, bem como a obrigação que tinham de responder as questões dizendo a verdade. Assim, todos os sujeitos participaram conscientes dos seus direitos e obrigações sem que tenham sido sujeitos a qualquer forma de coerção.

O anonimato foi assegurado por meio do recurso às variáveis sexo, idade e tempo de envolvimento na relação actual na apresentação dos estratos das entrevistas ao longo da análise e interpretação dos dados. Assim, conseguimos evitar que qualquer outra pessoa que não esteja envolvida na pesquisa consiga associar a informação facultada às identidades dos adolescentes entrevistados.

A confidencialidade foi o princípio cuja garantia foi possível por meio da limitação do número de pessoas envolvidas na pesquisa e da conservação da informação em locais nos quais só as pessoas tinham acesso. Uma vez que, para além da autora do estudo, esteve envolvido um colega com quem se foi ao campo e o supervisor, só os dois primeiros tiveram acesso directo aos dados em estado bruto, pois foram os que realizaram o trabalho de campo.

O direito à intimidade e à privacidade foram assegurados, pois informámos aos entrevistados que tinham a liberdade de não responder as questões que entendessem ser inerentes à sua intimidade e que não podia ser partilhadas na pesquisa. Desta forma, evitámos qualquer pergunta que pudesse levar os adolescentes a concederem respostas que não tinham interesse de facultar por entenderem que se tratava de questões íntima e ligadas à sua privacidade.

Capítulo IV. Apresentação da análise e interpretação dos dados

Apresentamos neste capítulo a análise e interpretação dos dados sobre ponto de vista das teorias da sexualidade e poder de Foucault (1988, s.d), mas antes fazemos uma descrição do perfil sócio-demográfico dos adolescentes que entrevistámos.

4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

Entrevistámos, como referimos antes, um total de 6 adolescentes. Estes estão agrupados em duas categorias sexuais, três são do sexo masculino, e três do sexo feminino. Dois deles têm 16 anos de idade, dois tem 17 anos idade, 1 tem 14 anos, e outro, 18 anos de idade. Todos se encontram a frequentar o ensino geral, especificamente a 9^a classe, 10^a classe e 11^a classe, nas escolas secundárias da Machava Sede, Zedequias Manganhela, Josina Machel e Zona Verde. Os bairros de residência são do Jardim, Polana Caniço e Maxaquene. Todos os adolescentes entrevistados se encontram envolvidos numa relação de namoro actualmente, embora o tempo de envolvimento seja diferente. Alguns estão a namorar há pelo menos 1 anos, outros, 6 meses, outros ainda, 3 meses.

De referir, com base no exposto, que o facto de todos os adolescentes estarem a estudar é revelador que todos já frequentaram uma instituição escolar, o que é relevante para este estudo, pois assegura que tiveram a oportunidade de participar de grupos de amizade nesse espaço e, até certo ponto, de estar expostos aos valores e informações transmitidos na escola em torno da sua sexualidade, vivendo experiências de vigilância também fora do âmbito privado, isto é, familiar.

4.2. Locais e realização das relações sexuais entre adolescentes

Iniciamos a discussão dos dados com a identificação e descrição dos locais nos quais os adolescentes afirmam se terem envolvido em relações sexuais e das experiências vivenciadas nesses locais com a finalidade de identificar e interpretar os aspectos que caracterizam os

contextos sociais de ocorrência desse fenómeno. Para o efeito, recorremos às narrativas dos entrevistados sobre suas experiências.

Os depoimentos seguintes introduzem os locais em que os adolescentes entrevistados afirmam já ter realizado relações sexuais, como podemos ver:

“O local onde mais costumo fazer essas coisas é nos becos do bairro do jardim. É um sítio pouco movimentado, principalmente na hora da noite, poucas pessoas te veem. Nas ruas grandes, só fazemos algumas vezes, quando estamos a despedir-nos e vemos que ninguém está nos ver, ficamos ali por uns minutos.” (Rapariga de 16 anos de idade, 6 meses na relação)

“Isso varia de para dia, as vezes costumamos ficar nos becos da zona, aquelas ruas em que quase ninguém passa, mas também já estivemos a pegar-nos no jardim Tunduro, até é mais sexe, porque pode ser durante o dia, pois você vê que existem outras pessoas adultas que também procuram aqueles bancos escondidos para andar a acariciar-se.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Eu fiz uma única vez, na sala de aulas, na escola, durante a festa de comemoração dos anos da escola. Havia muito movimento fora da escola, porque era uma festa, mas nas salas não havia ninguém, e a porta só estava encostada. Nem todas as portas têm fechadura na escola, nós só entrámos.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Já estivemos na escola dela, quando eu fui levá-la um dia. Há lugares um pouco escondidos lá, também já nos acariciamos no cinema, nos bancos de trás. Mas o sítio mais público que já nos beijamos, acariciamo-nos até as partes íntimas, foi no autocarro, no banco de trás, era noite e o carro não tinha luz ali atrás, por isso acho que ninguém notou que estávamos a fazer aquilo.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

Os locais públicos nos quais os adolescentes entrevistados realizam as práticas das relações sexuais são diversos, vão desde as ruas do bairro, escolas, jardins até o cinema. Com isto, podemos observar que existem locais específicos que os adolescentes identificam, o que se pode ver pelo facto de alguns locais serem repetidos no seio da nossa amostra. Estes locais apresentam algumas características que, de acordo com os entrevistados, permitem que essas práticas sejam realizadas.

Esses locais apresentam, geralmente, pouco movimento de pessoas ou total ausência de delas (sem movimento de pessoas), encontram-se neles outras pessoas (especialmente adultas), que também estejam a namorar, e são escondidos. Entretanto, os transportes semi-colectivos são

também locais onde os adolescentes praticam relações sexuais. Trata-se, efectivamente, de locais públicos, pelo que os entrevistados revelam uma preocupação em manter um distanciamento com os outros que também se encontram presentes. Por exemplo, nos transportes semi-colectivos, um dos entrevistados afirma que permaneceram no banco de trás, o que limitava a capacidade visual dos outros que estavam no autocarro.

As relações sexuais envolvem diferentes aspectos quanto às modalidades de sua realização, como podemos observar a partir dos depoimentos seguintes:

“Nunca cheguei a fazer sexo com nenhuma menina em lugares como esses que eu disse, aí termina nas carícias, a pegar rabo dela, a meter as mãos nas partes íntimas, entendes nem? Só foi uma vez que estivemos quase a fazer sexo [penetração], mas depois não aconteceu por ela era virgem e tinha medo, mas fiquei com calcinha dela que levei comigo para casa.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Até agora terminamos nos beijos, acariciarmos as partes íntimas um do outro, nunca fomos para além disso nesses lugares públicos, até porque até agora ainda não fizemos relações sexuais.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

“Quando estamos nas ruas da Maxaquene, só nos pegamos, roçamos, beijamos. Mas da vez que estávamos na praia foi a primeira vez que fizemos relações sexuais. Isso só aconteceu só dessa vez, não fizemos mais.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Em tudo, começamos por nos beijar e nos pegarmos, depois fizemos sexo ali mesmo em cima de uma carteira da sala de aulas.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

Os dados mostram que nos locais públicos, os adolescentes podem tanto limitarem-se nas trocas de carícias quanto chegar ao ponto de envolverem-se na penetração entre si. De acordo com os depoimentos acima, observa-se que apenas em dois casos é que houve penetração em locais públicos, sendo este, de acordo com os depoimentos acima, o momento culminante do envolvimento dos entrevistados.

As práticas acima descritas são, geralmente, caracterizadas como sendo apropriadas de serem realizadas em locais privados. De acordo com Prado (2013), os indivíduos que observam os outros a realizarem carícias costumam sentir-se constrangidos. O mesmo acontece com aqueles que realizam essas práticas e, de certo modo, procuram evitar os olhares de terceiros. Os entrevistados do presente estudo revelam essa preocupação de evitar olhares de outras pessoas.

Nos depoimentos seguintes, podemos observar algumas medidas adoptadas pelos adolescentes entrevistados, quando se envolvem em relações sexuais nos locais antes referenciados, de modo a evitar o risco de serem expostos por outras pessoas:

“Varia, pode ser de dia ou mesmo de noite, dependendo do lugar onde nos encontramos. Na minha rua, só pode ser de noite, porque os meus vizinhos ou meus pais podem ver e não fica bem para mim como mulher e ainda por cima adolescente. Para eles, eu ainda sou criança e não posso namorar. Mais na zona do meu namorado, costumamos nos beijar e acariciar mesmo de dia, basta ser um lugar pouco movimentado.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“O lugar onde estamos e o que está a acontecer é que ditam isso. Na praia, no jardim, nas festas se pode muito bem fazer essas coisas durante o dia, porque as pessoas estão distraídas e preocupadas com suas coisas e também tem outras pessoas que podem estar a fazer a mesma coisa. Já, na rua é normal, nos becos é bom que seja de noite para que as pessoas não vos estranhem e não falem mal.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

“Eu costumo sempre fazer de noite, não gosto que as pessoas me vejam a pegar com o meu namorado, mas não nada contra quem faz de dia, hoje em dia é normal as pessoas andarem por aí a se pegar em lugares públicos, não é como antigamente.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

O momento para a realização das relações sexuais pode variar de acordo com alguns aspectos. Pode variar em função do local. Por exemplo, no primeiro depoimento dos três acima, observamos que no bairro da adolescente em causa essas práticas só podem ser realizadas durante o período da noite, enquanto no bairro do seu parceiro podem ser realizadas durante a luz do dia, basta que seja num local pouco movimentado.

O momento pode variar também em função das características que o local apresenta no instante em que os adolescentes pretendem envolver-se em práticas sexuais. Por exemplo, se estiver a ocorrer um evento comemorativo, pode-se realizar essas práticas mesmo durante o dia, pois as pessoas não só podem não estar a prestar atenção, bem como podem também estar a realizar as mesmas práticas, o que as torna comuns nesse ambiente. Entretanto, na rua, é aconselhável que as relações sexuais sejam levadas a cabo durante o período da noite.

No terceiro depoimento dos três acima, podemos observar o que já tínhamos feito referência relativamente ao estranhamento dos actores sociais, quando as relações sexuais são levadas a cabo nos locais públicos. A entrevistada em causa reconhece o facto de não se sentir a vontade

em manter relações sexuais diante dos olhares de outras pessoas, pelo que considera apropriado envolver-se nessas práticas durante a noite, embora considere normal que outras pessoas o façam durante o dia.

O que está por detrás desses cuidados é uma questão que falamos com muita frequência neste trabalho. Referimo-nos ao facto dos entrevistados afirmarem e ter a consciência de que os mais velhos, sejam ou não da família, restringirem algumas práticas dos adolescentes quanto à sua sexualidade, pelo que não lhes é permitido namorar em qualquer lugar seja. Isto revela o que Foucault (1988) designa de vigilância da sexualidade, na medida em que existe um interesse em orientar o comportamento dos adolescentes por parte dos mais velhos.

4.3. Orientação da sexualidade dos adolescentes pelas instituições sociais

Analisamos e interpretamos, neste tópico, dados referentes à orientação da sexualidade por parte das instituições sociais, destacando o papel desempenhado pelas gerações mais velhas, procurando destacar os espaços onde ocorre esse processo, os conteúdos transmitidos, bem como a posição dos entrevistados em relação a esses conteúdos. O objectivo desta secção é de mostrar, de um lado, que os entrevistados estão sujeitos a iniciativas de vigilância da sua sexualidade por parte das instituições sociais e, do outro lado, mostrar os aspectos sobre os quais recaem os conteúdos dessa vigilância, o que nos permite, mais adiante, relacionar, dialecticamente, essas instituições e os posicionamentos dos entrevistados.

Os dados mostram que os adolescentes com os quais trabalhamos afirmam terem acesso a conteúdos referentes à orientação da sua sexualidade no seu quotidiano, como podemos ver:

“Muitas vezes, em casa, na escola, na televisão, na internet. Quase em todo o lugar está cheio de informação sobre o comportamento de adolescentes.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Todos os dias, para não dizer sempre, oiço falar sobre sexo, comportamento dos adolescentes, formas de vestir. Você está em casa é isso mesmo que ouve, liga a televisão encontra programas que falam sobre essas questões, está na escola, vai para internet, encontra qualquer pessoa que é mais velha, mesmo entre amigos falamos das mesmas questões.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Tenho a certeza que isso não é nenhuma novidade para qualquer adolescente, na escola aparecem aqueles da Geração Biz muitas vezes com esses programas para falar sobre a forma como nós adolescentes, devemos nos comportar, namorar, relacionar, por aí.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Hoje em dia isso não é segredo para ninguém. Há muito tempo até os pais podiam evitar falar com os filhos sobre isso, mas agora, meus pais só passam a vida a gritar isso nos meus ouvidos, aconselhando, ameaçando. Na escola já nem sei quantas vezes quando vezes participamos de programas. Na igreja eu faço parte do grupo de adolescentes, o assunto também é o mesmo. Chega um momento que cansa ouvir sempre a mesma coisa como se você não soubesse.” (Rapariga de 16 anos, 6 meses na relação actual)

É no seu quotidiano que os adolescentes entram em contacto com informação relativa à sua sexualidade. De acordo com os dados, esse contacto é constante e normal, não constituindo nenhum evento extraordinário, pelo que os entrevistados não se surpreendem quando ocorre. Desde a família até a escola, desde espaço físico ao mundo virtual, os adolescentes entrevistados estão expostos a essa informação.

No mundo físico, os entrevistados recebem dos mais velhos ou de outros amigos informação para a orientação da sua sexualidade, isto pode ocorrer no grupo de amigos, na família, na igreja ou mesmo na escola. Nesta última instituição, especificamente, os adolescentes participam de programas cuja finalidade é precisamente de transmitir informação que possa ajudar-lhes a orientar a sua vida sexual. Num dos depoimentos destaca-se o programa Geração Biz.

De acordo com Foucault (1988), podemos interpretar esses programas que têm lugar nas escolas tanto como um mecanismo e técnica de vigilância, quanto como um espaço de relações de poder. Mecanismo de vigilância, na medida em que neles são transmitidos conteúdos que esperam que os adolescentes interiorizem e pratiquem no seu dia-a-dia, permitindo, deste modo, que se defina o seu comportamento. Espaço de poder, na medida em que é o interesse dos autores desses programas é ditar o comportamento dos adolescentes, submetendo-os aos seus interesses.

Sexualidade é um fenómeno constituído por várias dimensões e indicadores⁸. A partir dos depoimentos dos adolescentes é possível identificarmos alguns desses aspectos, especificamente

⁸ A OMS (apud Ponte, s.d) aponta para dimensões e indicadores como intimidade, sentimentos, movimento corporais, formas de vestir, relacionamento com sexo oposto, entre outros.

aqueles postos em prática para orientar o comportamento dos adolescentes, como podemos ver a seguir:

“Diziam que se deve vestir uma roupa que tape o corpo todo, como saias compridas, de modo a não deixar as partes do corpo a vista de todos os outros. Diziam que o sexo deveria ser depois do casamento. O parceiro deve ser um cristão e a mulher deve se submeter a ele. Ensinam que não devemos começar a namorar cedo, não posso chegar tarde em casa. Eles não proíbem que a gente vista roupas curtas.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

“Todos dizem que os adolescentes têm que esperar um momento apropriado para começar a namorar e a fazer sexo, sexo só mais tarde, como dizem por ai. Em casa não ensinam nada, simplesmente proíbem de você namorar e manter relações sexuais. Na escola ensinam a boa idade para começar a fazer sexo para não correr risco. Dizem que temos que fazer sexo depois do casamento, com as pessoas que nós escolhemos para viver com ela e não com qualquer pessoa que achamos por ai.” Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“As coisas de todos os dias, adolescentes! Isto. Adolescentes! Aquilo. Filho! Isto. Filho! Aquilo. Miúdo! Isto. Miúdo! aquilo. A ideia é que os adolescentes não podem se preocupar em namorar com esta idade, só depois dos 21 anos de idade, não podem consumir bebidas alcoólicas, nem frequentar lugares nocturnos e muitos menos manter relações sexuais. Só de saberem que andamos por aí a namorar as escondidas, garanto-te que os meus pais me matam.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

Nestes dados podemos destacar e interpretar vários aspectos quanto ao conteúdo da informação a qual os adolescentes têm acesso nos espaços anteriormente indicados. Começamos por fazer referência ao interesse de definir as formas de vestir dos entrevistados. De acordo com os dados, os entrevistados são orientados no sentido de vestir roupas que não deixem determinadas partes do corpo expostas aos olhares públicos.

Existe também o interesse em definir a idade em que os adolescentes devem iniciar a namorar e a manter relações sexuais. Decerto que a idade definida pode não ser a mesma para todos os casos – é de 21 anos para o caso do terceiro depoimento dos três acima –, pelo que nos limitamos a afirmar que se estabelece uma idade apropriada para namorar e manter relações sexuais, destacando-se, por exemplo, o momento da realização do casamento como a altura indicada.

Outro aspecto está vinculado à escolha do parceiro ou da parceira com o qual o adolescente se pode relacionar. No primeiro depoimento dos três acima, define-se ser importante se relacionar

com uma pessoa cristã. Não nos interessa descrever todo o conteúdo que se transmite aos adolescentes quanto à orientação da sua sexualidade, sendo importante observar a sua exposição a valores e regras que lhes são transmitidos e impostos em diferentes espaços no seu quotidiano.

Desta forma, vemos que a família não é a única instituição interessada em vigiar a sexualidade dos adolescentes. Como afirma Foucault (s.d), nas sociedades contemporâneas se expandem os mecanismos e técnicas de poder, o que faz com os indivíduos estejam constantemente envolvidos em relações de poder. Isto significa que os adolescentes, desde o espaço privado (família) ao espaço público (escola, igreja, ruas), deparam-se com iniciativas de vigilância da sua sexualidade.

Os adolescentes são, neste trabalho, vistos como actores sociais capazes de reinterpretar as iniciativas de vigilância da sua sexualidade postas em prática pelos mais velhos, daí o nosso interesse em saber a forma como interpretam a informação a qual estão expostos. Os depoimentos seguintes revelam os seus posicionamentos:

“É bom, mostra que os mais velhos se preocupam com os seus filhos e com os mais novos, porque alguns comportamentos podem prejudicar o nosso futuro, levar-nos a ficar grávidas ainda cedo e não termos fazer. Conheço moças que engravidaram e os namorados não quiseram saber, agora estão em casa sem estudar. O importante é ter cuidado.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

“Nalgumas coisas, eles têm razão, e noutras não, exageram em não querer aceitar que os tempos mudaram. É certo que não podemos andar a fazer sexo de qualquer maneira por aí, mesmo pessoas grandes não agem assim, mas quanto à forma de vestir exageram, vestir roupa curta não quer dizer que você é prostituta, ou mulher, sem respeito, devem começar a repensar essas questões.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Tem um pouco de razão, não em todos os aspectos, beber, consumir drogas, perder noites, engravidar são coisas que devem ser proibidas para adolescentes, mas sair para curtir de dia, ter uma parceira que seja sua companheira, com quem trocas beijos, não vejo nisso problema nenhum, a internet está cheia desses casos.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Não tem nada a ver o que andam por aí a dizer. Os tempos são completamente outros. Você, no Brasil, homens e mulheres casam com 17 ou 18 anos de idade. Por que aqui é diferente? Mesmo eles proibindo, os filhos fazem nas escondidas, vale a pena reconhecerem para eles poderem fazer um acompanhamento.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

Estes resultados nos permitem identificar três posicionamentos distintos quanto à forma como os adolescentes entrevistados interpretam a informação a qual têm acesso sobre a sua sexualidade no seu quotidiano. A primeira posição está patente no primeiro depoimento dos quatro acima, em que a entrevistada em causa faz uma apreciação positiva das iniciativas dos mais velhos em procurarem definir e vigiar a sexualidade dos adolescentes, visto que, ajudam a minimizar os efeitos negativos que podem advir de determinados comportamentos adoptados pelos adolescentes, tais como adquirir uma gravidez e, conseqüentemente, o abandono dos estudos.

A segunda posição está patente no segundo e terceiro depoimentos dos quatro acima, nos quais os adolescentes entrevistados consideram alguns conteúdos relevantes, e outros, ultrapassados. Por exemplo, entendem que é importante que os adultos procurem orientar as práticas das relações sexuais dos adolescentes, pois estes podem incorrer à gravidez indesejada, entretanto consideram ser insustentável proibir que adoptem certas formas de vestir, que tenham um parceiro e sair para divertir-se.

A terceira posição está reflectida no quarto depoimento, em que o adolescente em causa assume uma posição radical relativamente às iniciativas dos mais velhos com vista a vigiar a sexualidade dos adolescentes, impondo-lhes determinadas formas de ser e agir. Essas iniciativas são consideradas anacrónicas num mundo contemporâneo no qual, de acordo com os entrevistados, em outras sociedades é permitido que adolescentes se casem com idades consideradas prematuras em Moçambique. Observamos aqui uma reclamação da sua autonomia em orientar de forma livre a sua sexualidade.

Esta diferença de posicionamentos mostra que os adolescentes devem ser interpretados como uma categoria social heterogénea, na qual estão integrados actores sociais dotados de capacidade de interpretar e reconstruir os conteúdos que lhes são transmitidos na sociedade, destinados à vigilância da sua sexualidade, pelo que nem a sua consciência, nem as suas experiências podem ser homogeneizadas.

4.4. Orientação da sexualidade dos adolescentes no seio do grupo de amigos

A orientação da sexualidade dos adolescentes ocorre no seu quotidiano em que, geralmente, estão envolvidos nos seus grupos de amizades com quem partilham a mesma época. Desta forma,

neste tópic, analisamos e interpretamos dados referente aos conteúdos interiorizados e partilhados com base nos quais os entrevistados procuram orientar a sua sexualidade nesses grupos.

Os depoimentos seguintes atestam que os adolescentes abordam questões inerentes à sua sexualidade nos seus grupos de amigos, como podemos ver:

“Yá! Falamos, quase sempre, de sexo, de homens, de namorados. Até esse é o papo que mais gostamos, quando estamos na escola, na zona, no *watsap*. Quando alguém faz sexo com seu namorado, vem contar como é que foi, se ele é bom de cama ou não, se ela gostou ou mesmo se atingiu orgasmo.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“*Manning*... Tem sido sobre sexo, dizem que é uma adrenalina. Falamos sobre as formas de vestir, quando alguém veste como uma velha, comentamos, por isso, devemos caprichar. Combinamos para tirar *selfs* na praia para postar no *facebook*.” (Rapariga de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“É o normal entre nossos amigos da escola e da zona falar das nossas saídas, *tchillings*, falamos sobre as damas, quando alguém tem uma dama, quando conhece uma nova. A melhor parte é um dos nossos amigos que é matrecado por uma dama ou não tem namorada, aí ficamos o dia todo a gozar com ele.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Muita coisa, desde as curtições entre amigos, namoradas, *grif*, combinamos para ir beber uma cerveja no final de semana, o nível de *likes* no *watasap*.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

Todos os adolescentes com os quais trabalhamos reconhecem o facto de falarem sobre a sua sexualidade nos seus respectivos grupos de amigos. De acordo com os dados, essas conversas envolvem conteúdos, tais como parceiros de namoro, relações sexuais, formas de vestir, saídas de entretenimento. Estes conteúdos mostram que a informação que os entrevistados partilham com amigos é semelhante à informação que recebem em outros espaços como são os casos da família, igreja e escola.

Neste sentido, o grupo de amigos é um espaço de reflexividade dos adolescentes, na medida em que são vivenciadas experiências de reconstrução dos conteúdos apreendidos em outros espaços supramencionados. Nos grupos de amigos, os adolescentes partilham suas experiências relativamente à sua sexualidade entre si. Por exemplo, faz-se menção ao facto de se partilhar informação sobre as modalidades de realização de relações sexuais, o que permite afirmar que a

proibição dos mais velhos não representa impedimento para o envolvimento dos entrevistados em práticas de relações sexuais.

Sendo o espaço de partilha de experiências, o grupo de amigos é também um espaço de aprendizagem. Os depoimentos seguintes mostram alguns aspectos aprendidos pelos entrevistados com seus amigos:

“Tudo, comecei a namorar por causa das minhas amigas, eu era a única que não namorava, ficava para traz quando elas vinham comentar sobre os seus namorados, sobre suas saídas, sobre o que eram oferecidas, sobre sexo. Posso dizer que aprendi a namorar as escondidas com elas.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

“Posso dizer até que tudo que sei aprendi mais com as minhas amigas com quem convivo e converso dessas coisas. Aprendi que sexo é uma coisa muito boa, porque elas contavam assim mesmo. Posso até dizer que comecei a fazer sexo porque elas diziam que tinha chegado o momento. Amor é sonho de todas nós, mas agora não é tempo de envolver-se num relacionamento por amor, agora a ideia é só curtir, enquanto puder. Quando for adulta, posso ver o que se faz da vida amorosa. Por enquanto, curtir e sexo, amor fica para depois.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Comecei a beber e namorar por causa dos meus amigos. Não porque eu não sabia o que era e não fazia, mas comecei a fazer essas coisas com frequência por causa dos amigos que tenho. Acredito que seria diferente se tivesse tido amigos que não bebessem e não namorassem. Eu tinha uma namorada, mas agora tenho três namoradas diferentes, isso eles estimularam.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Não posso dizer que tudo aprendi com os meus amigos, porque eu já sabia vestir, namorava, bebia, mas com eles, comecei a sair para lugares diferentes, a convidar damas para sairmos juntos. Então, ensinamo-nos uns aos outros a ser como somos hoje.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

Os dados mostram que os adolescentes entrevistados reconhecem que muito apreenderam e aprendem nos seus grupos de amizade quanto à orientação da sua sexualidade. As relações de namoro e as relações sexuais são alguns dos aspectos mais destacados pelos entrevistados, sendo que alguns deles começaram a namorar e a manter relações sexuais depois de estarem integrados nos seus respectivos grupos de amigos e sobre influência destes.

Esse é um aspecto destacado na literatura sobre a sexualidade na adolescência. Tem-se apontado, recorrentemente, que os adolescentes apreendem mais com seu grupo de amigos em comparação com a sua família, pelo que para compreender o seu comportamento é relevante integrá-los nesses grupos (cf. Taborda, Silva, Ulbricht & Neves, 2014). De acordo com estes autores, muitos adolescentes envolvem-se prematuramente em relações sexuais pela influência de seus amigos que já iniciaram a actividade sexual.

Reafirmamos a nossa interpretação segundo a qual o grupo de amigos constitui um espaço no qual os adolescentes reconstróem as regras e valores transmitidas noutros espaços com a finalidade de vigiar a sua sexualidade. Afirmamos antes que é orientado aos adolescentes que deixem para mais tarde as relações de namoro e sexuais, mas no seio dos seus grupos de amizade, eles apreendem a fazer justamente o contrário, isto é, a namorar e a manter relações sexuais mais “cedo”.

Julgando pelo facto de estarmos a trabalhar com adolescentes que se tenham envolvido em relações sexuais nos espaços públicos, é legítimo que afirmemos que eles estejam a orientar a sua sexualidade com base mais no que aprendem nos grupos de amizade e menos com o que interiorizam na família, na escola, na igreja, só para destacar algumas instituições.

Estamos a considerar os adolescentes entrevistados como actores sociais, pelo que assumimos que não se limitam a reproduzir o que aprendem no grupo de amigos. É nosso interesse saber a forma como eles interpretam os conteúdos partilhados nesses grupos, o que podemos fazer a partir dos depoimentos seguintes, como podemos ver:

“É assim como todo adolescente comporta-se hoje. Eu posso perguntar, qual é o adolescente que não namora? Qual é o adolescente que não veste como *suega*? Qual é o adolescente que nunca provou uma cerveja? Existe quem bebe *Gin*. Então, eu e os meus amigos vamos ser diferentes? Adolescentes que não fazem isso são matrecos, estão a ferrar, quando acordarem já terão uma família para cuidar e não terão mais tempo para fazer mais nada.” (Rapaz de 18 anos, 1 ano na relação actual)

“Essa é a realidade. Não posso concordar, nem discordar, apenas agir de acordo com a realidade como ela é porque também sou adolescente. Se brinco com eles é porque também sou como eles, embora na minha casa já me tenham chamado atenção, mas a realidade de hoje é outra, diferente da de ontem. Também temos nossa própria forma de pensar como adolescentes.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Hoje é dia é normal, porque também ajo da mesma maneira se não eu não estaria a brincar com elas. Somos amigas, porque entendemo-nos e agimos de igual forma. Eu tenho um namorado e um amigo com quem gosto de estar. Com este ainda não fizemos sexo. Sexo, só com meu parceiro por enquanto, com este, só beijos e carícias, companheirismo.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Estaria a ser falsa se eu dissesse que não concordo com aquilo que elas fazem, porque eu ajo da mesma maneira, mas nem tudo devo concordar com elas, principalmente com essa questão de estar a fazer sexo de qualquer maneira com qualquer homem que você encontra por aí. Para mim, sexo deve ser com um só pessoa que você gosta de verdade, a idade não interessa.” (Rapariga de 14 anos, 3 meses na relação actual)

Existe uma ideia generalizada no seio dos adolescentes entrevistados segundo a qual a pertença a um grupo de amizade implica, até certo ponto, a partilha e adopção da mesma forma de estar, ser, pensar e sentir. Com efeito, eles interpretam como sendo normal a forma como agem os seus amigos, pois adoptam os mesmos comportamentos. Os princípios com os quais orientam a sua sexualidade são os mesmos e definem o que é ser adolescente na contemporaneidade.

Em função desse entendimento, considera-se desviante (matreco) aquele adolescente que não adopta o comportamento acima referido, ou melhor, que não namora, que não mantém relações sexuais, que não sai com amigos para divertir-se. Desta forma, os entrevistados são mais receptivos aos conteúdos com relação ao que aprendem no grupo de amigos em comparação com a informação que recebem na família, na escola, na igreja. Este é um aspecto destacado por Foucault (1988), quando afirma que os indivíduos, alvos da vigilância, possuem a capacidade de responder ao poder que é exercido sobre eles, adoptando práticas de subversão e reclamando a sua autonomia na orientação da sua sexualidade.

A partilha e interiorização das experiências nos grupos de amizade não implicam, necessariamente, uma certa passividade. No quarto depoimento dos últimos quatro acima, podemos ver a situação de uma entrevistada que assume um posicionamento crítico com relação algumas práticas de suas amigas, especificamente no que diz respeito ao envolvimento sexual com vários parceiros simultaneamente. Isto mostra que as adolescentes interagem dialecticamente com o seu grupo de amizade, reconstruindo os conteúdos partilhados ao longo da orientação da sua sexualidade.

4.5. Uso dos espaços públicos para a realização das relações sexuais

Neste último tópico, analisamos e interpretamos os dados referentes ao processo de apropriação dos espaços públicos por parte dos adolescentes entrevistados para a realização de relações sexuais, buscando explorar os motivos que levam-nos a agir nesse sentido.

Começamos este último tópico, trazendo dados referentes ao momento específico em que os adolescentes decidiram praticar relações sexuais num local público, como podemos ver a seguir:

“Não foi bem uma decisão. Nós estávamos ali a conversar, começamos a nos beijar e acariciar. Posso dizer que as circunstâncias é que fizeram com que nós começássemos a nos beijar ali mesmo. Mas nas tínhamos outra alternativa porque ninguém tinha permissão para namorar em casa, éramos todos bem crianças. Se nossos pais descobrissem, era tarefa. Só podíamos namorar as escondidas e isso só podia ser na rua.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Na primeira vez, nós estávamos apenas sentamos a conversar numa esquina em pé durante muito tempo até começar a ficar escuro, vimos que ninguém estava vir, começamos a nos beijar até o ambiente ficar quente, as coisas foram aquecendo até começarem as carícias mais íntimas, mas não passou daí. Depois, começamos a nos encontrar no mesmo lugar com frequência. Em outros lugares, nós nos pegamos quando vemos que estamos isolados.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“A ideia foi minha. Ele concordou, porque também queria estar comigo, mas não podia ser na sua casa, porque nesse tempo vivia com a mulher, e eu não podia ser vista com ele, pois os meus pais proibem de namorar ainda nesta idade.” (Rapariga de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Quando começamos a namorar, pensamos bem nisso porque, sabíamos que não podíamos namorar em lugares, onde qualquer pessoa podia nos ver. Então, identificamos os lugares que nos pareceram mais apropriados para namorarmos.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

A decisão da apropriação de um local público para a realização de relações sexuais pode ocorrer tanto em momento diferente quanto de formas diferentes. Em termos de momento, alguns dos adolescentes entrevistados decidiram recorrer a esses locais antes mesmo de estar neles, tendo identificado, antecipadamente, alguns locais com a finalidade de ocupar para a realização de relações sexuais, outros adolescentes decidiram fazer uso dos locais públicos para manter relações sexuais no instante em que já se encontravam no local.

Quanto à forma de tomada de decisão, alguns adolescentes analisaram conjuntamente as possibilidades de uso de outros espaços, tendo decido seleccionar alguns espaços públicos apropriados para as suas práticas sexuais. Outros adolescentes não passaram pelo processo de avaliação dos locais públicos passíveis de serem apropriados, pelo que a tomada de decisão para a realização de relações sexuais num determinado espaço público ocorreu num aqui-e-agora, embora se tenha tornado, posteriormente, numa prática recorrente.

Podemos analisar melhor esses diferentes posicionamentos com base nos dados relativos à identificação dos espaços públicos considerados apropriados, como mostram os depoimentos seguintes:

“Epá. Isso foi de repente como eu disse, estávamos na rua a conversar, e aconteceu. Na escola também, estávamos a festejar e depois achamos que dava para ser, e assim foi. Mas eu disse que tem de ser um lugar não movimentado.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Tem que ser um lugar bem escondido ou pouco movimentado, onde há poucas pessoas que passam e podem não notar ou não se importar com o que vocês estão a fazer nesse momento, mesmo que se importem podem não fazer nada, como no jardim ou na praia por exemplo.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Há lugares públicos em que as pessoas nem se interessam com o que está a acontecer, como nos cinemas, na discoteca, mas o mais apropriado são lugares em que não haja muito movimento, como becos, bancos escondidos do jardim.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

Numa primeira situação, o espaço público, usado para a prática das relações sexuais, não foi inicialmente ocupado por alguns adolescentes entrevistados com essa finalidade, mas simplesmente para conversar. Desta forma, não podemos dizer que o local foi identificado para a realização das práticas sociais. Estas ocorreram ao longo da permanência dos adolescentes, tendo sido resultado do curso da interacção.

Noutra situação, ocorreu o contrário. Os adolescentes afirmam terem identificado os locais apropriados com base em determinados critérios. Tinha de ser um lugar escondido, pouco movimentado ou um lugar em que as pessoas que se encontravam presentes não se incomodassem ou não se importassem com o facto de haver adolescentes a manter relações sexuais. Estes últimos locais podem ser a praia, o cinema ou o jardim.

O que observamos com a informação anterior é que não pode ser em qualquer espaço público onde os adolescentes se envolvem em relações sexuais. Existem locais específicos e com características específicas para o efeito, ou melhor, existem espaços públicos apropriados para serem privatizados de modo a praticar relações sexuais sem se sujeitar a constrangimentos, decorrentes da presença de outras pessoas que podem observar o que se está a fazer, pois os adolescentes não podem impedir que essas pessoas estejam presentes. Recordemos, como afirma Matos (2010), que um espaço é público justamente por ser de acesso universal e livre.

As relações sexuais, mesmo que estejam sendo realizadas em espaços públicos, continuam sendo práticas consideradas como inerentes ao espaço privado (Prado, 2013), devendo ser apenas vivenciadas pelos actores sociais directamente envolvidos. É neste sentido que procuramos saber junto dos adolescentes as razões de não terem procurado um espaço privado para a realização das práticas sexuais, tendo obtido os seguintes depoimentos:

“Um lugar privado seria em casa, mas em casa de nenhum dos dois podem aceitar para namorarmos, nem sequer saber que nós namoramos. Você entende, esses quotas querem bancar os responsáveis com os filhos. Não vêm que os tempos mudaram. Agora, entrar na pensão com essa idade, ninguém também aceita, mesmo nas discotecas que não aceitam.” (Rapariga de 16 anos, 1 ano na relação actual)

“Não podíamos ser vistos a namorar, porque na minha casa proibem de eu namorar, dizem que não posso namorar, ele também era casado. Quando se separou da mulher, passamos a namorar em casa dele, mas na minha casa desconfiaram, agora voltamos a namorar nos becos, só vamos a casa dele quando é para fazermos amor.” (Rapariga de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Esses locais públicos acabam sendo os nossos lugares privados, qual seria outro lugar? Em casa dele ou não minha casa? Nem pensar. Proíbem-nos de namorar, mas como nós queremos namorar a vontade, os lugares que nós encontramos para namorar são esses enquanto formos adolescentes, não há como.” (Rapaz de 17 anos, 6 meses na relação actual)

“Lugres privados seriam pensões, hotéis. Em nenhum desses lugares deixam entrar pessoas que não tenham mais de 18 anos de idade, mesmo porque não temos dinheiro para pagar. Em casa também não dá para fazer isso, porque nem sequer entrar uma moça e dizer que é minha namorada aceitam. Quando vai, é como colega ou amiga e não pode ficar no quarto, tem que ficar na sala, onde todo o mundo fica a ver o que vocês estão a fazer.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

A partir destes depoimentos, podemos identificar não só as razões para a não ocupação de espaços privados, mas também as motivações para a apropriação dos espaços públicos para a realização de relações sexuais. Tudo está vinculado à vigilância da sexualidade dos adolescentes, o que implica tanto permissões quanto proibições, entretanto interessam-nos estas últimas.

Os entrevistados afirmam que os espaços privados aos quais poderiam recorrer para a realização de práticas sexuais seriam, em primeiro lugar, suas respectivas casas e, segundo lugar, como alternativa, os hotéis e pensões, no entanto em nenhum desses espaços seriam aceites. Os entrevistados afirmam ainda que não recorrem a estes dois últimos locais, porque não os deixariam entrar, pois não têm 18 anos de idade ou mais para o efeito. No caso das suas casas, não podem recorrer a elas, porque os seus pais não permitem que eles namorem ainda nessa fase de vida.

Como consequência da impossibilidade de manter relações sexuais nesses locais privados, os adolescentes entrevistados recorrem aos espaços públicos, como alternativa. É neste sentido que compreendemos as motivações para a apropriação dos espaços públicos para a realização das relações sexuais como estando inseridas no contexto da vigilância, de um lado, e autonomização, do outro lado, da sexualidade dos adolescentes nas sociedades contemporâneas.

O recurso às ruas constitui uma alternativa, dentre outras válidas, as quais alguns dos adolescentes entrevistados podem recorrer, como podemos observar nos depoimentos que se seguem:

“Tem também a casa dele, porque ele só vive com o irmão dele que não tem nenhum problema em namorarmos lá. Mas, como somos vizinhos, evito ir para lá para que outras pessoas não me vejam a entrar lá. Vou raramente e de noite só para fazermos amor. Sabes comentários das pessoas podem acabar por chegar aos ouvidos dos meus pais. Nas ruas distantes das nossas casas têm sido os melhores lugares.” (Rapariga de 16 anos, 6 meses na relação actual)

“Em casa do meu colega tem uma casa dependência que costumamos usar para namorarmos. Quando a mãe viaja, ele fica sozinho, aí ficamos a vontade, mas nem sempre gosto de ir para lá, porque tens que programar, enquanto as coisas, por vezes, acontecem sem programar. Vocês estão ali na rua e, de repente, começam a se pegar, por isso muitas vezes fazemos as coisas nas ruas.” (Rapaz de 16 anos, 6 meses na relação actual)

De acordo com os dados, as proibições, particularmente nas famílias, impelem os entrevistados a recorrerem a locais alternativos para a realização de relações sexuais. Observamos que estes locais têm sido, geralmente, as ruas. No entanto, os dois últimos depoimentos anteriores mostram que alguns dos entrevistados têm a casa do parceiro e a casa do amigo como locais possíveis de serem usados para finalidades sexuais, pelo que as ruas não são as únicas alternativas à impossibilidade do uso da casa própria, embora sejam a preferência.

As razões apontadas para o não uso recorrente da casa do parceiro e do amigo pretendem-se, de um lado, com o facto de estarem a residir no mesmo bairro e, do outro lado, com a necessidade de se programar antecipadamente, respectivamente. Estas alternativas estão, assim, sujeitas ao uso restrito, isto é, só se pode recorrer a elas em circunstâncias específicas, especificamente de noite, quando ninguém ou poucas pessoas podem observar, e quando pessoas mais velhas, representantes da família, não se encontram em casa. Isto significa que, mesmo nesses outros locais, os entrevistados continuam sujeitos aos constrangimentos vinculados à vigilância da sua sexualidade e, conseqüentemente, limitação da sua sexualidade.

Reafirmamos, deste modo, que o recurso aos locais públicos para a realização de relações sexuais representa uma resposta à vigilância da sexualidade a qual os adolescentes estão sujeitos na sociedade, especialmente na família, na escola, na igreja. De acordo com Foucault (1988), essa vigilância constrange, porque implica proibições de determinadas práticas e comportamentos. No caso dos adolescentes, a vigilância da sua sexualidade constrange porque implica a proibição de namorar e manter relações sexuais nesta fase da vida, pelo que, não podem, de forma alguma, pensar em levar seus parceiros e parceiras para manter relações sexuais nas suas casas.

Os adolescentes são actores sociais, o que implica considerar que possuem a capacidade de responder dialecticamente à vigilância da sua sexualidade no seio das relações de poder dentro do campo familiar. Desta forma, os entrevistados rejeitam e contrapõem-se a essas proibições, envolvendo-se em relações de namoro e relações sexuais. No entanto, como não podem fazê-lo em determinados locais, como vimos anteriormente, são obrigados a procurar alternativas dentre as quais devem enveredar pelas que envolvem menos constrangimentos, que, neste caso, são os locais públicos. É neste sentido que compreendemos que os locais públicos são

apropriados, enquanto espaço de conquista e realização da orientação autónoma da sexualidade dos adolescentes.

Os adolescentes buscam a sua autonomia na orientação da sua sexualidade, procurando espaços nos quais essa autonomia pode ser materializada. Os locais públicos são espaços nos quais os entrevistados podem estar com os seus parceiros, namorar e manter relações sexuais longe das técnicas e mecanismos de poder e vigilância das instituições sociais, bem como das suas proibições. Afinal, os espaços são públicos justamente porque são de acesso universal e livre, até para os adolescentes.

Considerações finais

Os espaços públicos são locais de acesso livre e universal dos quais os adolescentes podem apropriar-se para a realização de relações sexuais. A observação concreta de casos de apropriação para essa finalidade tornou possível a realização deste estudo em que procurámos compreender as motivações que levam os adolescentes à apropriação dos locais públicos com vista a realizar relações sexuais, ao invés de recorrerem aos espaços privados, geralmente concebidos como apropriados para esse tipo de práticas.

Os dados mostram que as ruas dos bairros de residência, a escola, os jardins, a praia e o cinema são alguns dos espaços mais usados pelos adolescentes para realizar relações sexuais, que podem ir de simples carícias até a penetração entre parceiros de namoro ou mesmo sexuais. Geralmente, esses espaços são caracterizados por acolher pouco movimento de pessoas, por serem de pouco acesso de pessoas ou por acolherem pessoas que também realizam relações sexuais.

A apropriação do espaço público para a realização de relações sexuais ocorre num contexto contemporâneo no qual se reproduzem os mecanismos e técnicas, assim como espaços de vigilância da sexualidade dos adolescentes, tais como a família, igreja, programas escolares. De acordo com os dados, essa vigilância consiste na transmissão tanto de proibições aos adolescentes, tais como a interdição das relações de namoro e sexuais, o não uso de roupas curtas, não sair para festas nocturnas, quanto de permissões, como namorar e manter relações sexuais depois do casamento, namorar com pessoas da mesma igreja.

Os adolescentes entrevistados não acolhem da mesma forma essas proibições, sendo que alguns partilham e apoiam, outros seleccionam algumas delas e rejeitam outras, e outros ainda rejeitam todas elas. A interpretação dos valores transmitidos pelas instituições sociais é informada pelas relações sociais vivenciadas nos grupos de amigos, nos quais se aprende a namorar, manter relações sexuais, vestir a moda, sair para se divertir. Os grupos de amizade constituem espaços de reflexividade, sendo que os adolescentes reconstroem os valores partilhados entre amigos, reproduzindo alguns e posicionando-se criticamente com relação a outros.

A participação em diferentes espaços de poder em que se apreende conteúdos referentes à orientação da sexualidade permite ao adolescentes agirem reflexivamente, podendo opor-se a

vigilância a qual estão sujeitos no seu quotidiano. Daí que se envolvem em relações de namoro e relações sexuais mesmo sendo práticas proibidas pelos mais velhos, especialmente na família. Os locais públicos são espaços que os adolescentes encontram para realizar essas práticas no âmbito da reclamação e materialização da sua autonomia no que concerne à construção da sexualidade livre dos constrangimentos impostos pela vigilância exercida na sua relação de poder com os mais velhos no seio da sociedade, o que impede que façam uso de locais privados para a realização de relações sexuais.

A análise e interpretação dos dados que desenvolvemos acima permitem-nos corroborar a hipótese que adoptámos neste trabalho, pois observamos que os adolescentes entrevistados recorrem aos espaços públicos para a realização das relações sexuais motivados pela adesão a novos valores que lhes permitem opor-se à vigilância e reclamar a autonomia na construção da sua sexualidade diante dos valores transmitidos pelas instituições sociais. Os locais públicos oferecem maior liberdade de acção em comparação com outros espaços alternativos.

Podemos, com base no exposto e no concluído, que a análise e interpretação aqui realizadas permitem conciliar dois sentidos abordar a realidade social na realidade, a microssociologia e a macrosociologia, na medida em que realizamos uma leitura de prática quotidianas (relações sexuais, interações entre adolescentes) do ponto de vista da intervenção de instituições sociais (escolas, família). Neste sentido, consideramos ter contribuído direccionar a análise sociológica da sexualidade para aspectos manipulados pelos adolescentes na suas acções quotidianas.

É importante evitarmos o radicalismo analítico e interpretativo, de modo a não assumirmos que os adolescentes rompem radicalmente com todos os valores transmitidos, uma vez que, observamos situações tanto de continuidades quanto de descontinuidades de valores entre gerações dos adolescentes e dos mais velhos, que recorrem a várias técnicas e mecanismos de controlo da sexualidade dos adolescentes. A condenação da gravidez na adolescência e o não envolvimento com múltiplos parceiros são alguns dos valores partilhados pelas duas gerações. Essas continuidades e descontinuidades tornam relevante considerar a realização de relações sexuais nos espaços públicos como um fenómeno complexo, pelo que impossível de ser esgotado num trabalho desta natureza. Desta forma, compreendemos que outras dimensões desse fenómeno podem ainda ser estudadas.

Seria importante aprofundar a perspectiva de outros actores que presenciam a realização de relações sexuais por parte dos adolescentes nos locais públicos, no sentido de observar a forma como concorrem para a reprodução desse fenómeno. A etnometodologia representa uma perspectiva apropriada para estudar essa dimensão, por permitir explorar os aspectos mais subtis da realidade social.

Referências bibliográficas

- Anjos, J. C. (2005). *Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres*. Florianópolis: Estudos Feministas, pp. 163-177
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. (2011). Snowball (Bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjectividade e Educação - SIRSSE* (pp. 329-341). Curitiba: PUCPR.
- Bastos, C. B. C., & Flora, S. (2015). *Gravidez na adolescência e (in)sucesso escolar: um estudo qualitativo em escolas secundárias de Benguela*. Universidade Portucalense
- Baudrillard, J. (2001). *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimento*. São Paulo-Campinas: Terramar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bearzoti, P. (1998, Agos. 1). *Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano*. *Neuropediatra*.
- Beck, U. (2002). *A sociedade dos riscos globais*. Siglo Veintiuno de Espana Editores.
- Becker, H. (1928). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (Trad. Maria Luiza de A. Gorges). Rio de Janeiro: Zahar.
- Brilhante, A. V., & Catrib, A. M. (2011, Outubro). *Sexualidade na adolescência*. *FEMINA*, pp. 504-509.
- Cano, M. A. T., Ferriani & Gomes (2000, Abril). *Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico*. Ribeirão Preto: Latino-am. enfermagem, pp. 18-24.
- Cau, B. M., & Arnaldo, C. ([Org.] 2014). *Adolescente e jovens em Moçambique: uma perspectiva demográfica e de saúde*. Maputo: CEPSA.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13nd ed.). (M. T. Albuquerque, & A. G. Albuquerque, Trans.) Rio de Janeiro: Edições Graal.

- Foucault, M. (s.d). *Microfísica do poder*. (R. Machado, Trans.) S.l.
- Giddens, A. (1997). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (Tra. Magda Lopes), São Paulo: Unesp
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Indovina, F. (2002, Dez.). O espaço público: tópicos sobre a sua mudança. *Cidades - Comunidades e Territórios*, pp. 119-123.
- Kipper, D. J. (2016). *Ética em pesquisa com crianças e adolescentes: à procura de normas e diretrizes virtuosas*. Porto Alegre. Bioét, pp. 37-48.
- Macedo, S. d., Miranda, F. A., Júnior, J. M., & Nóbrega, V. K. (2013, Julho 2). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn*, pp. 103-109.
- Macia, M., & Langa, P. V. (2004). Masculinidade, sexualidade e HIV/SIDA em Moçambique. *VIII Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais* (pp. 1-37). Coimbra: A Questão social no novo milénio.
- Magaço, A. J. (2013). *Afectividade e sexualidade no contexto escolar: um estudo de caso com as raparigas da escola secundária da Maganja da Costa-Zambézia*. Zambézia: Universidade Eduardo Mondlane-Departamento de Sociologia.
- Matos, F. L. (2010, Jul.). Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades - o caso da cidade Porto. *Observatorium: Revista Eletrónica de Geografia*, pp. 17-33.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed., São Paulo: Editora Atlas.
- Messi, G., Santos, A. R., Berberian, A. P., & Ziesemer, N. B. (2016, Mar-Abr). *Impacto de actividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos*. Ver. Curitiba – PR – Brasil: CEFAC, pp. 399-407

- Nauere, L. A. (2004). *O papel da família na socialização sexual dos jovens na cidade de Maputo: o caso do Programa Geração Biz (1999-2002)*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane-Departamento de Sociologia.
- Pontes, A. F. (s.d). *Sexualidade: vamos conversar sobre isso? Promoção do desenvolvimento psicossocial na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar*. Porto: Universidade do Porto
- Ratall, A. B. (1999). *A sexualidade na adolescência: valores, atitudes e práticas dos adolescentes e jovens da cidade de Maputo*. Portugal: Universidade do Porto.
- Richardson, R. J. (2003). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3ª Ed., São Paulo: Atlas
- Rocher, G. (1989). *A acção social* (5nd ed., Vol. I). Lisboa: Editorial Presença.
- Rodrigues, A. F. (2010). *Sexualidade na adolescência: atitudes e conhecimentos sobre métodos contraceptivos*. s/l: Instituto Universitário.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: The Free Press.
- Ruschel, A. E., & Castro, O. P. (1998, Setembro). *O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder*. pp. 1-23.
- Santos, A. D., Campos, M. P., & Santos, A. M. (2012, Setembro 11). *Sexualidade na adolescência: entre o desejo e o medo*. *SCIENTIA PLENA*, pp. 2-9.
- Serpa, A. (2004). *Espaco público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica*. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, pp. 21-37.
- Silva, T. C., Andrade, X., Osório, C., & Arthur, M. J. (2007). *Representações e práticas da sexualidade entre os jovens e a feminização do SIDA em Moçambique*. Maputo: WLSA Moçambique.
- Taborda, J.; Silva, F., Ulbricht, L., & Neves, E. (2014). *Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconómicas entre elas*. Rio de Janeiro: Caderno Saúde Colectiva, pp. 16-24, 2014.

- Tavares, C. M., Kanikadan, P. Y. S., Alencar, A. P., & Schor, N. (2011). *Início da vida sexual de adolescentes da ilha de Santiago, Cabo Verde – África Ocidental*. Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano, pp. 771-779.
- Viera, K. F., Nóbrega, R. P., Arruda, M. V., & Veiga, P. M. (2016, Abr/Jun). Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão*, pp. 329-340.

Anexos

Anexo 1. Guião de entrevista directiva

1. Dados sócio-demográficos dos entrevistados

1. Idade
2. Sexo
3. Nível de escolaridade
4. Instituição escolar
5. Residência
6. Tempo de envolvimento na relação afectiva

II. Sobre os locais públicos nos quais os adolescentes realizam relações sexuais

1. Em que lugares já esteve envolvido em carícias com seu parceiro? (descrever o local em termos de: movimento de pessoas, características físicas, actividades geralmente realizadas)
2. Em que consistiram essas carícias (chegou a fazer sexo)?
3. Quantas vezes esteve envolvido em carícias nesses lugares públicos?
4. Com quantos(as) parceiros(as) já se envolveu nesses lugares?
5. Em que período do dia se envolveu em carícias com seu(ua) parceiro(a) nesses lugares?

III. Sobre as maneiras de agir e ser que são transmitidas aos adolescentes

1. Alguma vez ouviu falar sobre o comportamento que um adolescente deve adoptar em relação: à sua vida sexual, seus relacionamentos amorosos, etc?
2. Onde que é que ouviu falar sobre essas questões?
3. O que é que diziam sobre o comportamento adequado para um adolescente quanto à sua vida sexual, amorosa?

4. O que é que ensinam na família sobre a sua vida sexual, amorosa, formas de vestir, etc? E na escola? E na igreja? E as pessoas que encontra na rua?
5. Qual é a sua opinião sobre o que ensinam nesses locais sobre a sua vida sexual, amorosa, formas de vestir?

IV. Sobre as maneiras de agir e ser adoptadas e partilhadas no seio dos grupos de amizade

1. No seu grupo de amizades, costumam conversar sobre vossa vida sexual, amorosa?
2. Em caso de sim, qual tem sido o conteúdo dessas conversas?
3. O que é que aprende no seu grupo de amizade quanto à sua vida sexual, e amorosa, e formas de vestir, etc?
4. Qual tem sido o comportamento sexual dos seus amigos(as) em termos de: *início da actividade sexual, número de parceiros, frequência das práticas sexuais, locais de realização das práticas sexuais*?
5. Qual é a sua opinião relativamente ao comportamento sexual dos(as) seus(uas) amigos(as)?

V. Sobre as maneiras de agir e ser orientam dos adolescentes na apropriação de locais públicos para a realização de relações sexuais

1. Qual foi a primeira vez em que esteve envolvido em carícias com seu(ua) parceiro(a) em um lugar público (escola, rua, jardim, praça)?
2. De quem foi a decisão de se envolver em carícias nesse local (sua ou do seu parceiro)? Como foi tomada?
3. Pode descrever as circunstâncias em que se envolveram em carícias em um lugar público? (quem estava presente, o que estavam a fazer)
4. Por que não procuraram um local mais privado ou outros locais para se envolverem em carícias e não um lugar público?
5. *Geralmente, diz-se que as carícias sexuais devem ser feitas em locais privados e públicos.* Qual é a sua opinião relativamente a essa ideia?